



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas e Letras
Programa de Pós-Graduação em Linguística

**ACOMODAÇÃO DIALETAL: ANÁLISE DA FRICATIVA CORONAL /S/ EM
POSIÇÃO DE CODA SILÁBICA POR PARAIBANOS RESIDENTES EM
RECIFE**

Izete de Souza Lima

Orientador: Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena

João Pessoa

2013



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas e Letras
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística
Linha de Pesquisa: Diversidade e Mudança Linguística

**ACOMODAÇÃO DIALETAL: ANÁLISE DA FRICATIVA CORONAL /S/ EM
POSIÇÃO DE CODA SILÁBICA POR PARAIBANOS RESIDENTES EM
RECIFE**

Izete de Souza Lima

Professor Orientador: Dr. Rubens Marques de Lucena

Dissertação de mestrado
apresentada à Coordenação de
Pós-Graduação em Linguística
da Faculdade de Letras da
Universidade Federal da Paraíba,
para obtenção do título de
mestre em Linguística.

João Pessoa
2013

L732a Lima, Izete de Souza.
Acomodação dialetal: análise da fricativa
coronal /S/ em posição de coda silábica por
paraibanos residentes em Recife / Izete de Souza
Lima.- João Pessoa, 2013.
113f. : il.
Orientador: Rubens Marques de Lucena
Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHL
1. Linguística. 2. Acomodação dialetal. 3.
Variação linguística. 4. Fricativa coronal.

UFPB/BC

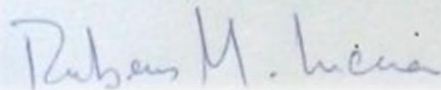
CDU: 801(043)

ACOMODAÇÃO DIALETAL: ANÁLISE DA FRICATIVA CORONAL /S/ EM
POSIÇÃO DE CODA SILÁBICA POR PARAIBANOS RESIDENTES EM RECIFE

Izete de Souza Lima

Dissertação aprovada em 07 de março de 2013.

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena (UEPB)
(Orientador)



Profa. Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino (UEPB)
Membro avaliador



Profa. Dra. Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa (UEPB)
Membro avaliador

João Pessoa

2013

DEDICATÓRIA

Ao meu pai Pedro Soares (*in memoriam*), à minha mãe, Maria Júlia, responsáveis por tudo que eu sou hoje, e ao meu esposo, Flávio Lúcio, meu porto seguro.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, por sua infinita bondade, por estar sempre presente revelando seu amor por mim, principalmente nos momentos mais difíceis desse processo. Tudo que eu sou e tenho vem de ti, obrigada Senhor.

À minha mãe, por sua dedicação, por ter me apoiado nas angústias com seu olhar terno, anjo de Deus que me guia na terra.

Ao meu pai, que mesmo em outro plano, sinto a sua presença todo instante. Deixaste um pedaço de ti em minha alma, orgulho-me de ser tua filha.

Ao meu amigo, namorado, noivo e esposo, presente mais lindo que Deus reservou para mim, Flávio Lúcio. Obrigada por existir em minha vida, simplesmente, te amo.

Ao meu irmão, Nildo, às minhas irmãs, Isabel e Neide, presentes em minha vida nos momentos difíceis e felizes. Sinto orgulho em tê-los como meus verdadeiros amigos.

Aos meus cunhados, Rivo, Robson, Fabian e Fabio. Obrigada por torcerem sempre por mim.

Agradeço também a minha única cunhada Roseane, por abrilhantar ainda mais a minha família com sua generosidade e exemplo de boa esposa, mãe e mulher.

Ao meu sobrinho, Pedro, às minhas sobrinhas, Raiany, Clara, Eduarda e Camila, e a minha afilhada Maria Rita. Saibam que seus sorrisos iluminam meu viver.

Ao meu sogro, Florisvaldo, e a minha sogra Marluce. Obrigada por me tratarem como uma filha, sinto-me bastante amada por vocês.

A CAPES, que com a concessão de bolsa, contribuiu com esta pesquisa, impulsionando e possibilitando vivenciar com tranquilidade esse percurso da minha vida.

Em especial, ao professor Dr. Rubens Marques de Lucena, meu orientador, exemplo de profissional e amigo. Obrigada pela dedicação, você me inspira.

À Dra. Regina Celi, mais que coordenadora, sempre solícita e empenhada durante todo o mestrado, facilitando esta jornada. Obrigada.

Ao professor Dr. Dermeval da Hora, por seu exemplo de professor, pesquisador e amigo, obrigado por ter me proporcionado anos maravilhosos no VALPB, motivo pelo qual estou aqui, pondo em prática tudo que foi aprendido no PIBIC. Obrigada por ter me proporcionado esta oportunidade.

À Vera, amiga de todas as horas, como uma segunda mãe, intercedeu por mim, acolheu-me e torceu pelo meu sucesso. Orgulho-me em ter-te como amiga.

À dona Cida, como não se lembrar da sua presença carinhosa no VALPB sempre disposta a nos ajudar. Obrigada pelo carinho.

À professora Dra. Juliene, pela amizade e exemplo de mulher e profissional. Quando crescer quero ser igual a você.

À minha companheira, Priscila Evangelista, por sua amizade e orações. Foi um prazer enorme trabalhar com você, que nossa amizade cresça cada dia mais.

Ao José Wellisten, que assim como Priscila, galgou comigo os primeiros passos acadêmicos.

À minha amiga, Juliene Paiva, que com seu carinho e seu otimismo sempre me impulsionou a seguir em frente. Obrigada amiga.

Agradeço aos membros examinadores da banca o aceite do convite para participar da qualificação, contribuindo de forma relevante com o aprimoramento deste estudo.

Aos participantes da pesquisa, pela contribuição da feitura deste trabalho com muito amor e desprendimento. Obrigada pela receptividade com que me acolheram.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I	21
DELIMITAÇÃO DO TEMA	21
1. OBJETO DE ESTUDO	21
1.1 Representação fonológica da sílaba	22
1.2 As fricativas coronais em posição de coda	24
1.3 Análise do comportamento da fricativa coronal em algumas capitais brasileiras	27
1.4 Dados da capital da Paraíba	29
1.5 Dados de Recife	31
CAPÍTULO II.....	36
APORTE TEÓRICO.....	36
2. SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA E TEORIA DA ACOMODAÇÃO DA COMUNICAÇÃO	37
2.1 Sociolinguística	37
2.1.1 Sociolinguística variacionista	39
2.2 Teoria da Acomodação da Comunicação	43
2.2.1 Língua e atitude linguística	47
CAPÍTULO III	49
METODOLOGIA	49
3. METODOLOGIA.....	50
3.1 Construção do <i>corpus</i>	50
3.1.1 Caracterização dos participantes	50
3.1.2 Da entrevista	54
3.2 Da análise dos dados.....	56
3.2.1 Dados quantitativos	56
3.2.2 Dados qualitativos	60
CAPÍTULO IV	62
ANÁLISE DOS DADOS	62

4. ANÁLISE QUANTITATIVA E QUALITATIVA.....	63
4.1 Análise quantitativa.....	63
4.2 Análise qualitativa dos dados.....	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	96

REFERÊNCIAS

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

APÊNDICE B - Ficha de Caracterização dos Sujeitos

APÊNDICE C- Textos

APÊNDICE D- Entrevista Sociolinguística e Percepção do falante

LISTA DE FIGURAS, QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS

FIGURAS

Figura 1: Representação fonológica da sílaba.....	22
Figura 2: [S].....	26
Figura 3: [ʃ].....	26
Figura 4: [z].....	26
Figura 5: [ʒ].....	26

QUADROS

Quadro 1: Representação da fricativa coronal /S/ em cinco capitais brasileira em posição medial (M) e final (F).....	28
Quadro 2: Fatores condicionadores do uso da palatal em João Pessoa.....	30
Quadro 3: Fatores condicionadores do uso da palatal em Recife.....	33
Quadro 4: Informantes.....	50
Quadro 5: Palavras escolhidas para o texto.....	55
Quadro 6: Variáveis dependentes	56
Quadro 7: Tempo de exposição.....	57
Quadro 8 : Quadro 8: Contato diuturno com falantes recifenses.....	58
Quadro 9: Frequência das visitas.....	58
Quadro 10: Estilo.....	58
Quadro 11: Contexto precedente.....	59
Quadro 12: Contexto fonológico seguinte.....	69
Quadro 13: Tonicidade.....	60

TABELAS

Tabela 1: Realização da fricativa coronal /s/ em Recife por Macedo.....	34
Tabela 2: Tempo e exposição.....	65

Tabela 3: Contato diuturno com falantes recifenses.....	65
Tabela 4: Tabela do contexto fonológico seguinte.....	66
Tabela 5: Estilo.....	67
Tabela 6: Frequência das visitas.....	67
Tabela 7: informantes.....	68
Tabela 8: Peso relativo dos informantes.....	70

GRÁFICOS

Gráfico 1: Comportamento da fricativa coronal /S/ em posição de medial na Paraíba.....	29
Gráfico 2: Fricativa coronal /S/ em posição de coda final em João Pessoa.....	30
Gráfico 3: Fricativa coronal /S/ em posição de coda final na capital da Paraíba (manutenção X ausência)	31
Gráfico 4: Fricativa coronal /S/ em posição medial em Recife.....	32
Gráfico 5: Fricativa coronal /S/ em posição final.....	33
Gráfico 6: Fricativa coronal em posição de coda em recife por Macedo.....	34
Gráfico 7: Acomodação da palatalização da fricativa coronal /S/ em posição de coda.....	64

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

VALPB- Projeto de Variação Linguística no Estado da Paraíba

VARSUL- Projeto de Variação linguística na Região Sul

NURC/BRASIL- Norma Urbana Oral Culta

VARSUL- Variação Urbana no Sul do País

RJ- Rio de Janeiro

SP- São Paulo

POA- Porto Alegre

RE- Recife

SS- Salvador

SAT- *Speech Accommodation Theory*

CAT- *Communication Accommodation Theory*

UCLA- Universidade da Califórnia em Los Angeles

WLH- Weinreich, Labov e Herzog

SÍMBOLOS

/ / - Representação fonológica

[] - Representação fonética

/s/ - Fricativa alveolar surda

[ʃ] - Fricativa palatal surda

/z/ - Fricativa alveolar sonora

[ʒ] - Fricativa palatal sonora

/t/ - Oclusiva dental surda

/d/ - Oclusiva dental sonora

RESUMO

O presente estudo visa compreender o processo de acomodação dialetal de paraibanos que vivem em Recife (PE), com base na Teoria da Acomodação da Comunicação (GILES et al., 1987) e nos aportes teórico-metodológicos da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 2008; 1972). O fenômeno fonológico que nos permitirá verificar os efeitos da acomodação é a realização da fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica, pelo fato de que esse segmento marca claramente a diferença entre os dialetos em estudo. O *corpus* foi constituído por 9 informantes paraibanos que residem há no mínimo dois anos em Recife. Os dados coletados foram analisados quantitativamente e qualitativamente. A análise quantitativa possibilitou identificar estatisticamente os fatores que estão contribuindo para a acomodação, enquanto a análise qualitativa possibilitou a interpretação dos dados subjetivos que contribuíram para a acomodação do novo dialeto ou a preservação do dialeto de origem. O tratamento estatístico realizado através do Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005) mostrou, em ordem crescente de significância, que as variáveis mais relevantes foram: o tempo de permanência, o contato diuturno com falantes recifenses, o contexto fonológico seguinte, o estilo e a frequência das visitas. A análise qualitativa desenvolvida através das falas dos participantes permitiu-nos identificar a atitude linguística dos informantes. Percebemos que a avaliação positiva influenciou a acomodação linguística, assim como a avaliação negativa levou-os à preservação do seu dialeto de origem, como forma de distanciamento.

Palavras-chave: Acomodação dialetal; variação linguística; fricativa coronal.

ABSTRACT

The present study aims to understand the dialectal accommodation process of *paraibanos* who live in Recife (PE), based on Communication Accommodation Theory (GILES et al., 1987) and in the theoretical-methodological contributions of the Variation Theory (LABOV, 1996; 1972). The phonological phenomenon which will allow us to check the accommodation effects is the realization of coronal fricative /S/ in coda position by the fact that this segment clearly marks the difference between the dialects under study. The *corpus* was constituted by 9 *paraibanos* informants residing for at least two years in Recife. The collected data were analyzed quantitatively and qualitatively. The quantitative analysis enabled us to identify statistically the factors that are contributing to the accommodation, while the qualitative analysis enabled us the interpretation of subjective data that contributed to the accommodation of the new dialect or the preservation of the dialect of origin. The statistical treatment realized through Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005) showed, in increasing order of significance, which the most relevant variables were: permanence time, amount of exposure to dialect, following phonological context, the style and the frequency of visits. The qualitative analysis developed through the participants' speech allowed us identify the linguistics attitude of the informants. We realized that positive evaluation influenced the linguistic accommodation even as the negative evaluation led them to preserve their dialect of origin as a way of distancing.

Keywords: Dialectal accommodation; linguistic variation; coronal fricative.

*“Não prometo dar nenhum jardim de
flores, mas prometo a força para poder
plantá-lo.”*

Pe. Fábio de Melo

INTRODUÇÃO

A Sociolinguística Variacionista proposta por Weinreich, Labov e Herzog (1968) possibilitou o avanço dos estudos linguísticos relacionados à heterogeneidade da língua, traçando o perfil linguístico de várias regiões, como também as singularidades linguísticas de cada uma.

Muitos são os projetos de pesquisas que tratam da variação linguística no Brasil, permitindo, desta forma, traçar o perfil fonético e fonológico da realidade linguística brasileira, assim como as diferenças dialetais de cada região, utilizando a Sociolinguística Variacionista como marco teórico. Temos como exemplos o VALPB – Projeto de Variação Linguística no Estado da Paraíba, VARSUL – Variação Urbana no Sul do País, NURC/BRASIL – Norma Urbana Culta, entre outros, que são fontes inesgotáveis de artigos, dissertações e teses que caracterizam a realidade linguística brasileira. Graças a essas pesquisas, hoje nos é permitido compreender as diferenças e semelhanças dialetais de cada região brasileira.

Diante da realidade linguística do Brasil revelada por esses projetos, trabalhos como os de Marques (2006), Martins (2008) e Chacon (2012) são propostos com a finalidade de identificar a influência dos dialetos entre si. À luz da Teoria da Acomodação da Comunicação ((GILES et al, 1973); (GILES, 1977)), esses trabalhos buscam entender como informantes pertencentes a uma determinada região, em contato com uma nova realidade linguística, assimilam características fonéticas dessa nova variedade.

Trudgill (1986) é o precursor desse tema, com seu trabalho “Dialeto em Contato”, baseado na Teoria da Acomodação da Comunicação, proposta por Howard Giles (1973). Giles converge sua atenção para os fatores que estão envolvidos na acomodação relativos ao processo de dominação de uma determinada cultura sobre outra, fato que se exterioriza através do comportamento dos indivíduos. Logo, seus trabalhos estão voltados para os fatores que determinam a acomodação dialetal, como também a extensão e a percepção.

Diante do que foi exposto, este trabalho busca analisar, à luz da Teoria da Acomodação da Comunicação ((GILES et al, 1973); (GILES, 1977)) e da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), a acomodação dialetal de paraibanos que residem há, no mínimo, dois anos em Recife, capital do estado de Pernambuco. Buscamos identificar se o processo de acomodação dialetal está

ocorrendo, quais os fatores que o propiciam, quais as estratégias que os informantes utilizam e se existem fatores sociais estimulando a acomodação.

Para o nosso estudo, elegemos um fenômeno cuja realização evidencia as diferenças dialetais dessas localidades, apesar da proximidade geográfica: a realização da fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica. Pesquisas realizadas por Hora e Pedrosa (2003) revelam que, na capital da Paraíba, este segmento em posição de coda apresenta as seguintes variantes: a forma alveolar [s/z], como em e[s]fera e de[z]de; a forma glotal [h], como em me[h]mo, e a forma palatalizada [ʃ,ʒ], como go[ʃ]to e de[ʒ]de, e o apagamento (que se mostrou produtivo em coda final, especialmente na formação de plural). Constatou-se que a palatalização é motivada pelo contexto fonológico seguinte, no caso, as oclusivas dentais [t,d]. Diferentemente da capital paraibana, Recife apresenta a palatalização independente do contexto fonológico seguinte, como afirmam Callou e Moraes (1995). Sabendo que esse fenômeno apresenta grande divergência entre esses dialetos, pretendemos observar se informantes paraibanos em contato dialetal com recifenses acomodam a palatalização em todos os contextos fonológicos seguintes.

A partir dessa realidade divergente, objetiva-se, com este trabalho, identificar o processo de acomodação da palatalização da fricativa coronal /S/ em posição de coda em todos os contextos fonológicos seguintes por paraibanos que residem há, no mínimo, dois anos na capital do estado de Pernambuco, assim como os fatores linguísticos e sociais que contribuem para essa acomodação. De acordo com Pesqueira (2004), a atitude dos indivíduos em relação ao contexto irá determinar a acomodação. O contato dialetal influencia a acomodação de traços específicos de um segundo dialeto, além das questões de prestígios que estão ligadas à situação econômica favorável da outra região. Para nosso estudo, delimitamos objetivos específicos a serem contemplados:

- ❖ Apresentar as diferenças dialetais em relação à realização da fricativa coronal /S/ em posição de coda por paraibanos e por recifenses;
- ❖ Averiguar as atitudes linguísticas dos informantes em relação ao novo dialeto que lhe é apresentado;
- ❖ Investigar se o processo de acomodação dialetal acontece e quais os fatores que contribuem para sua implantação no falar do paraibano;
- ❖ Indicar os contextos mais propícios para a acomodação do dialeto recifense por paraibanos.

Ao longo da pesquisa, buscamos responder às seguintes questões geradoras das hipóteses norteadoras.

- ❖ As atitudes positivas em relação ao dialeto recifense contribuirão para a acomodação dialetal?

Sabendo que as atitudes são formadas por comportamentos, por condutas que podem ser positivas, de aceitação, ou negativas, de rechaço, como afirma Fernández (1998, p. 185), acreditamos que as atitudes amigáveis, positivas, influenciarão a acomodação ao novo dialeto, assim como as atitudes negativas serão motivadoras da preservação do dialeto paraibano.

- ❖ Em busca de uma maior interação e aceitação, os paraibanos convergirão o seu falar ao dialeto recifense?

A integração social e a identificação com a nova realidade contribuem para o processo de convergência dialetal (GILES, H.; COUPLAND, N.; COUPLAND, J. A. 1987. p.18). Assim, inferimos que a busca por interação entre os indivíduos e a aceitação social favorecerão a acomodação ao novo dialeto.

- ❖ O tempo de exposição à nova realidade linguística é um fator relevante para a acomodação?

De acordo com Marques (2010), o tempo de exposição ao novo dialeto apresenta-se como fator significativo para a análise da acomodação. Em seu trabalho, ela constata que, a partir dos cinco anos de contato com a nova realidade linguística, os informantes abandonavam paulatinamente seu dialeto de origem, mostrando indícios de acomodação ao novo. Desta maneira, deduzimos que o tempo de exposição ao dialeto recifense apontará relevância nos resultados da acomodação.

Apresentados os objetivos, as questões norteadoras e suas respectivas hipóteses, passaremos para a delimitação organizacional do nosso trabalho.

O primeiro capítulo traz um estudo comparativo do comportamento da fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica. Visitaremos os trabalhos realizados por Hora (2000) e Ribeiro (2006), que revelam o comportamento desse segmento na capital da

Paraíba; e, no que tange ao Recife, serão contemplados os trabalhos de Callou, Moraes e Leite (1994) e Macedo (2004).

O segundo capítulo apresenta a Teoria da Variação e a Teoria da Acomodação da Comunicação. Observaremos os trabalhos de Marques (2006), Martins (2008) e Chacon (2012) que abordam esse tema no Brasil.

O terceiro capítulo discorre a respeito da metodologia utilizada para a construção do *corpus*, bem como sua descrição.

O quarto capítulo objetiva expor a análise dos dados, sendo dividido em dois subtópicos, um referente à análise quantitativa, e o outro, à análise qualitativa. Sabemos que, para o nosso estudo, as formas utilizadas para a análise dos dados não se anulam, mas se complementam para resultados mais coerentes e confiáveis.

O quinto e último capítulo é dedicado às considerações finais, em que serão abordadas as conclusões da pesquisa realizada, bem como suas limitações e os encaminhamentos futuros.

CAPÍTULO I

DELIMITAÇÃO DO TEMA

1. OBJETO DE ESTUDO

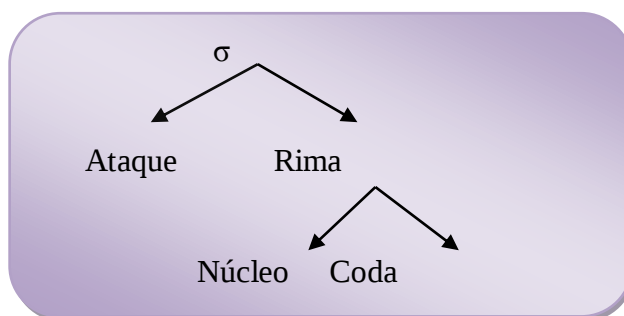
Neste capítulo, apresentaremos uma descrição do modelo silábico adotado na feitura deste trabalho, fazendo, em seguida, uma revisão do comportamento da fricativa coronal /S/ em posição de coda em algumas regiões do Brasil, até chegarmos a uma descrição mais detalhada desse fenômeno na Paraíba e em Recife. Teremos como base os trabalhos desenvolvidos por Hora (2003), a respeito do comportamento da fricativa coronal /S/ em posição de coda medial, e Ribeiro (2006), sobre o comportamento do mesmo segmento em coda no final de lexemas, ambos no falar pessoense; Callou, Leite e Moraes (2002) e Macedo (2004) no falar recifense.

1.1 Representação fonológica da sílaba

Elegemos a teoria métrica para descrever os elementos existentes na sílaba. A teoria métrica faz parte dos modelos não lineares, dos quais também faz parte a teoria autossegmental. Diferente da teoria autossegmental, que prevê camadas independentes, em que os relacionamentos dos elementos silábicos acontecem no mesmo nível, a teoria métrica propõe um relacionamento mais estreito entre os elementos finais à sílaba.

De acordo com a representação fonológica proposta por Selkirk (1982), a sílaba está dividida em ataque e rima; a rima, por sua vez, divide-se em núcleo e coda.

Figura 1: Representação fonológica da sílaba



Fonte: Selkirk (1982)

Para Câmara Jr (1970), a sílaba é formada por um movimento crescente culminando num ápice, o qual ele denomina o centro da sílaba, seguido por um movimento decrescente. Normalmente, esse ápice é preenchido por uma vogal, devido a

seu efeito mais sonoro. A estrutura da sílaba depende desse ápice e do possível aparecimento da fase crescente ou decrescente.

De acordo com o autor citado, não há sílaba sem ápice, o qual Selkirk (1982) chama de núcleo. A sílaba pode vir acompanhada de elementos marginais pré-vocálicos, que recebem o nome de ataque silábico na descrição por nós adotada, e pós-vocálicos, ou coda silábica. Quando a sílaba é formada por elementos pós-vocálicos, será denominada de travada ou fechada; quando desprovida desse elemento, a sílaba será classificada como livre ou aberta.

Câmara Jr (1970) classifica as sílabas como simples e complexas. As sílabas simples, simbolicamente representadas por V, são formadas apenas pelo centro ou ápice da sílaba; enquanto as sílabas complexas podem ser formadas por elementos crescentes, por elementos decrescentes e elementos crescentes e decrescentes ao mesmo tempo. Assim, teremos: sílabas complexas crescentes, representada por CV, formada pela parte crescente e o ápice; a sílaba decrescente, representada por VC, formada pelo ápice e a parte decrescente; e, por fim, a sílaba complexa crescente-decrescente, representada por CVC, que conterà todos os possíveis elementos da sílaba, o crescente, o ápice e o elemento decrescente.

Câmara Jr ainda afirma que, no português, o centro da sílaba é sempre formado por uma vogal, e só algumas consoantes podem ser pós-vocálicas, por isso, as sílabas livres prevalecem sobre as travadas no português.

Elegemos para a nossa pesquisa a posição de travamento da sílaba, denominada de posição pós-vocálica ou coda silábica. Apenas algumas consoantes são permitidas nessa posição. Segundo Câmara Jr. (1970), o quadro das consoantes portuguesas permitidos em posição pós-vocálica são: a vibrante /r/, a lateral /l/, o arquifonema fricativo não labial /S/ e o arquifonema nasal /N/. Entre os segmentos que podem ocupar a posição pós-vocálica, ou posição de coda silábica, contemplaremos o arquifonema fricativo não labial /S/, também denominado de conjunto das fricativas coronais.

Assim, nossa pesquisa se deterá nas fricativas coronais em posição de coda silábica, ou, mais especificamente, na posição pós-vocálica.

1.2 As fricativas coronais em posição de coda

De acordo com Pedrosa (2009), o fato de as fricativas coronais ocuparem essa posição é bastante intrigante, já que elas apresentam características bem distintas das demais consoantes que ocupam a mesma posição. Hora e Pedrosa (2008) afirmam que, por serem contínuas, tendo seu tempo prolongado, poderiam formar o ataque de uma sílaba cujo núcleo não é preenchido foneticamente, fato comprovado com o fenômeno da paragoge (epêntese) que ocorre em nossa realidade linguística: mais~mai[z]i, deus~deu[z]i.

O comportamento da fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica é objeto de estudo de vários pesquisadores devido à peculiaridade desse segmento, já que se apresenta de forma bastante variável nesta posição. Entre eles, podemos citar: Callou e Moraes (2002), com pesquisas realizadas em Recife, Salvador, Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro, com dados do projeto NURC - Norma Urbana Culta; Hora (2000) e Ribeiro (2006), na Paraíba, com o VALPB; Bescancini (2002), em Florianópolis; Monteiro (2009), no Amapá; entre outros. Esses trabalhos são importantes porque permitem o mapeamento desse fenômeno no Brasil e elucidam os fatores que condicionam sua realização em cada região. A maior parte desses trabalhos procura, à luz da Teoria da Variação, encontrar a sistematização da heterogeneidade linguística existente no falar.

Essas pesquisas revelam que a fricativa coronal /S/ em posição de coda apresenta um comportamento bastante variável. Todas as pesquisas concordam que o /S/ em posição de coda silábica alterna-se entre as realizações alveolares [s, z], palato-alveolares [ʃ, ʒ], glotal [h] e o apagamento [Ø]. No entanto, apesar de concordarem quanto às variantes, discordam no que se refere à nomenclatura. Quanto às alveolares, não existe discordância, mas, em relação aos segmentos [ʃ, ʒ] e [h], há divergências. Callou, Leite e Moraes (2002) e Hora (2003) utilizam o termo palatal para caracterizar as realizações [ʃ, ʒ], enquanto Bescancini (2002) utiliza o termo palato-alveolar, com argumentos fundamentados na articulação da realização desses segmentos. A realização do [h] é denominada como aspirada, por Callou, Leite e Moraes (2002); glotal, por Hora (2003); e laríngea, por Bescancini (2002).

De acordo com Câmara Jr (1970), os fonemas [s, z] são denominados de sibilante e os [ʃ, ʒ] de chiantes em uma classificação auditiva, no entanto,

articulatoriamente falando, os fonemas [s, z] e [ʃ, ʒ] costumam ser chamados de alveolares e palatais, respectivamente.

Para Brescancini (2002), as consoantes palatais envolvem uma constrição longa e praticamente ininterrupta de toda a parte laminal e pré-dorsal da língua, por isso são consideradas vogais frontais consonantais, já que a língua mantém o mesmo formato da produção da vogal [i]. Logo, os fonemas [ʃ, ʒ] não podem ser considerados como palatais, pois a produção desses fonemas se dá por um estreitamento entre a lâmina da língua e uma região intermediária entre a arcada alveolar e o palato duro, daí o nome de palato-alveolar. Além disso, a área de constrição é mais curta.

Assim como Pedrosa (2009), utilizaremos o termo palatal para potencializar o termo palatalização, pois estamos observando o processo de palatalização das fricativas alveolares por paraibanos que residem em Recife no contexto de coda silábica.

Monteiro (2009) define o processo de palatalização como uma alteração no ponto de articulação, como acontece quando as alveolares dão origem às formas palato-alveolares, pois, nessa realização, a língua apresenta-se numa posição mais à frente da cavidade bucal que de costume.

De acordo com Cagliari (2002), um segmento torna-se palatal ou mais semelhante a um som palatal ao adquirir uma articulação secundária palatalizada, ou um deslocamento articulatorio em direção ao lugar de articulação palatal.

Apresentaremos, baseados na representação dos traços distintivos propostos por Chomsky e Halle (1968), os segmentos [s, ʃ] e [z, ʒ], o que nos permitirá uma visualização desse deslocamento para uma região mais palatal, sugerido por Cagliari (2002).

Figura 2: [s]



Figura 3: [ʃ]



Figura 4: [z]



Figura 5: [ʒ]



Fonte das figuras: Cagliari 2002

Notamos que, ao representarmos os fonemas a partir de suas matrizes de traços distintivos, o traço anterior é o fator que distingue o som alveolar do som palatoalveolar. Assim, podemos afirmar que existe um deslocamento articulatorio em direção ao lugar de articulação palatal na produção dos fonemas [ʃ, ʒ]. Tanto o fonema [s] diferencia-se do [ʃ] por ser [+anterior], como o fonema [z] diferencia-se do [ʒ] por ser também [+anterior].

A representação dos segmentos através dos traços distintivos deixa bem claro que o fonema [s] diferencia-se do fonema [ʃ] por este ter o traço [-anterior], fato que também ocorre com os fonemas [z] e [ʒ]. Notamos, assim, que existe um deslocamento articulatorio para a região palatal.

De acordo Câmara Jr (1970), o contexto fonológico seguinte irá definir a sonoridade do fonema. Numa palavra como “pasta”, cujo contexto seguinte é uma surda [t], o fonema utilizado é o [ʃ], logo, pa[ʃ]ta; enquanto que, na palavra “desde”, como o contexto seguinte é formado por uma sonora [d], a forma utilizada será [ʒ]. Assim, teremos de[ʒ]de.

1.3 Análise do comportamento da fricativa coronal em algumas capitais brasileiras

Vários estudos foram realizados para descrever o comportamento da fricativa coronal em posição de coda, entre eles, destacam-se alguns cujos resultados apresentaremos em síntese.

Pesquisas realizadas por Hora (2003) na Paraíba mostram que a presença ou ausência da palatalização está condicionada ao contexto fonológico seguinte. Nos estudos em questão, a variante mais utilizada é a alveolar.

Callou, Leite e Moraes (2002) apresentam um quadro comparativo do comportamento da fricativa nas cinco maiores capitais do Brasil. São Paulo e Porto Alegre apresentam uma distribuição praticamente idêntica, predominando a variante alveolar. Enquanto Rio de Janeiro e Recife apresentam a predominância da variante palatal, Salvador apresenta uma realização heterogênea: ora a forma alveolar, ora a forma palato-alveolar.

Quadro 1: Representação da fricativa coronal /s/ em cinco capitais brasileiras em posição medial (M) e final (F)

	Palatal		Aspiração		Alveolar		Apagamento	
	M	F	M	F	M	F	M	F
RJ	90%	75%	6%	10%	1%	8%	2%	8%
SP	9%	5%	0%	0%	88%	91%	3%	3%
POA	23%	2%	0%	0%	77%	96%	0%	1%
RE	84%	54%	5%	7%	10%	34%	2%	5%
SS	56%	31%	4%	9%	39%	51%	1%	9%

Fonte: (Callou, Leite e Moraes, 2002, p. 539)

De acordo com o quadro comparativo, a palatalização é predominante no Rio de Janeiro e em Recife; em Salvador, apresenta-se de forma bastante diversificada, sendo a forma palatalizada mais recorrente na posição de coda medial. Ao contrário das capitais mencionadas anteriormente, São Paulo apresenta uma realização alveolar de 88% em posição medial e 91% em final. Nota-se, na posição final, mesmo nas capitais em que a forma palatalizada é frequente, que existe uma pequena queda da palatal para uma realização mais alveolar. Um exemplo marcante é na capital da Bahia, onde existe uma elevação da forma alveolar de 39% em coda medial para 51% em final.

A fricativa coronal /S/ em posição de coda apresenta-se de forma bastante variável a depender do contexto fonológico seguinte e até mesmo da região.

Pesquisas realizadas por Hora (2003) na Paraíba mostram que a presença ou ausência da palatalização está condicionada ao contexto fonológico seguinte. Nos estudos em questão, a variante mais utilizada é a alveolar.

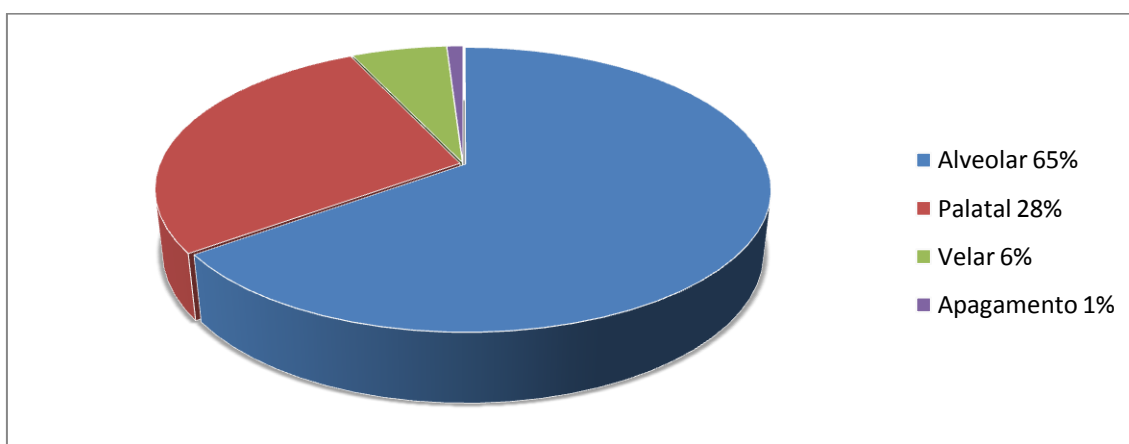
Deter-nos-emos neste momento na caracterização do comportamento da mesma na capital da Paraíba com os estudos realizados por Hora (2003) e Ribeiro (2006); e estudos realizados em Recife por Callou, Leite e Moraes (2002) e Macedo (2004), visto que nosso objetivo é identificar a assimilação da palatalização por paraibanos que residem em Recife.

1.4 Dados da capital da Paraíba

Pesquisas realizadas por Hora (2003) apresentam a descrição do comportamento desse segmento em posição de coda interna, enquanto Ribeiro (2006) dedica-se a descrever o mesmo segmento em final de lexemas, ou seja, na posição de coda final.

De acordo com Hora (2003), em posição de coda medial, esse segmento apresenta-se de forma bastante heterogênea na Paraíba, prevalecendo a forma alveolar. A representação através do gráfico possibilitará uma melhor visualização desse comportamento.

Gráfico 1: Comportamento da fricativa coronal /S/ em posição medial na Paraíba



Fonte: Hora (2003)

É notória a prevalência da forma alveolar em detrimento das outras. Entretanto, a forma palatal apresenta-se de forma considerável, com um percentual de 28%. Observando os fatores que condicionam reprodução dessa forma, percebeu-se que sua

realização está diretamente condicionada ao contexto fonológico seguinte, no caso, as dentais surdas e sonoras [t, d]. Assim, de acordo com Hora (2003), as oclusivas dentais /t, d/ como contexto fonológico seguinte são os responsáveis pelo uso da forma palatalizada [ʃ, ʒ] na posição de coda silábica na capital da Paraíba.

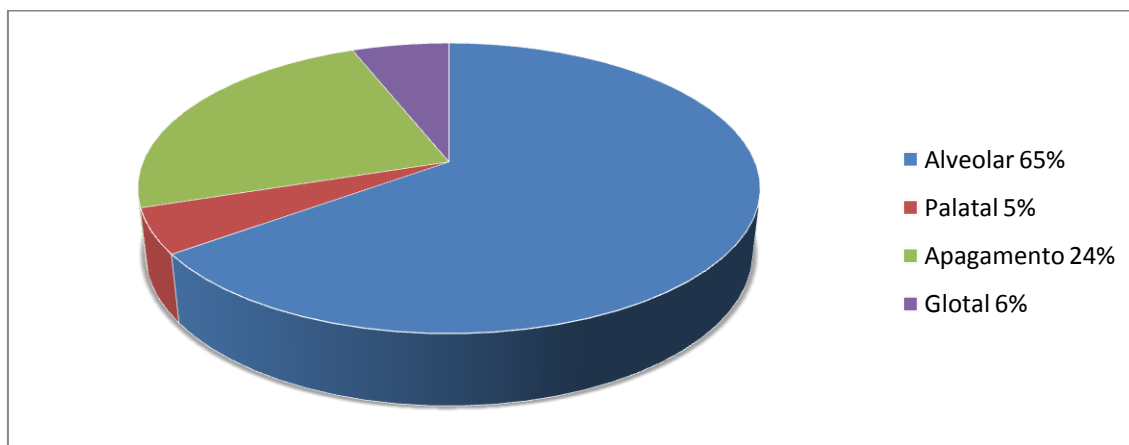
Logo, temos:

Quadro 2: Fatores condicionadores do uso da palatal em João Pessoa

[ʃ]	[ʒ]
e[ʃ]te	de[ʒ]de

Na posição final, de acordo com os estudos realizados por Ribeiro (2006), o comportamento da fricativa coronal /S/ apresenta-se de forma bastante distinta. Nesta posição, temos uma redução da forma palatal de 28% para 5%, e um aumento do apagamento de 1% para 24%. Em relação às formas alveolar e glotal, não houve alteração.

Gráfico 2: Fricativa coronal /S/ em posição de coda final em João Pessoa

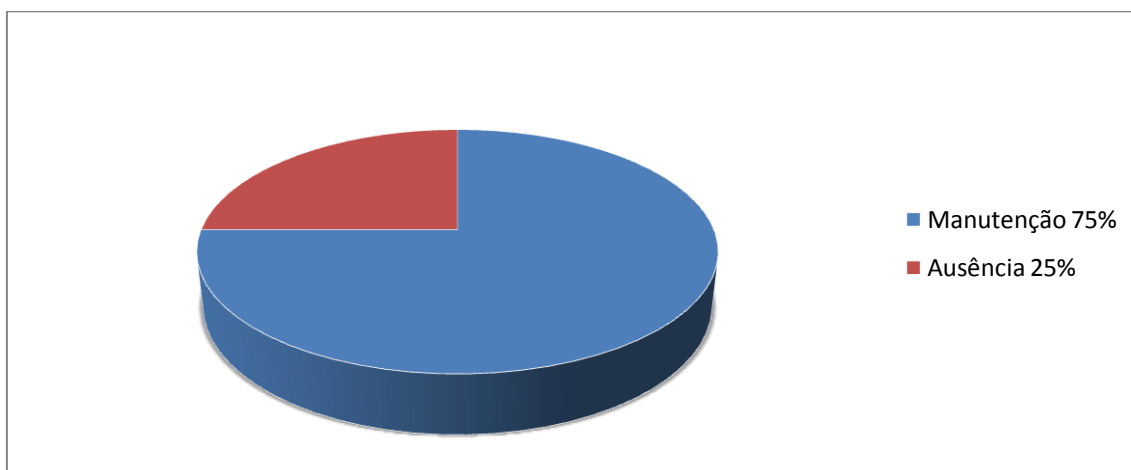


Fonte: Ribeiro (2006)

Devido aos baixos percentuais da presença da forma palatal e glotal, Ribeiro (2006) resolveu amalgamar essas formas, realizando uma segunda rodada, dessa vez binária (manutenção X ausência), em que a manutenção, por sua vez, era formada pelos

segmentos alveolar, palatal e glotal, enquanto a ausência era formada pelo apagamento do segmento.

Gráfico 3: Fricativa coronal /S/ em posição de coda final na capital da Paraíba (manutenção X ausência)



Fonte: Ribeiro (2006)

A partir desses resultados, Ribeiro (2006) conclui que existe uma tendência na preservação desse segmento em posição de coda final, pois computou-se apenas 25% de apagamento contra 75% para a preservação. De acordo com Ribeiro (2006), os informantes realizam o apagamento com maior frequência quando o segmento possui a função de morfema de plural.

Assim, no falar pessoense, a fricativa coronal /S/ em posição de coda apresenta-se de forma distinta a depender da posição da coda na palavra. Se, na posição medial, temos [s,z,ʃ,ʒ,h], na posição final, existe um acréscimo bastante expressivo do seu apagamento [s,z,ʃ,ʒ,h, Ø].

Percebemos que, apesar da preferência pela forma alveolar, a palatalização é bastante produtiva na posição de coda medial, fato condicionado pelo contexto fonológico seguinte, as dentais [t,d].

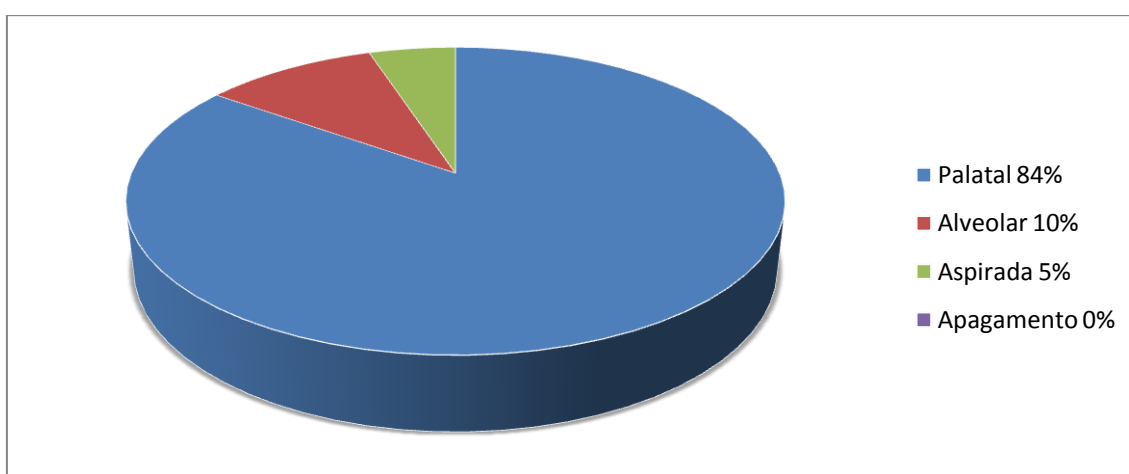
1.5 Dados de Recife

De acordo com Callou, Leite e Moraes (2002), com os dados do projeto NURC – Projeto da Norma Urbana Culta, que analisa o dialeto das cinco capitais mais

importantes do Brasil, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Salvador e Recife, o comportamento da fricativa coronal /S/ em posição pós-silábica na capital de Pernambuco se diferencia da capital da Paraíba, pois Recife apresenta a palatalização em maior frequência.

Diferente dos dados da Paraíba, em Recife, as pesquisas demonstram a preferência pelo uso da forma palatalizada. Em posição medial, temos 84% de ocorrências da forma palatal, contra 10% da forma alveolar.

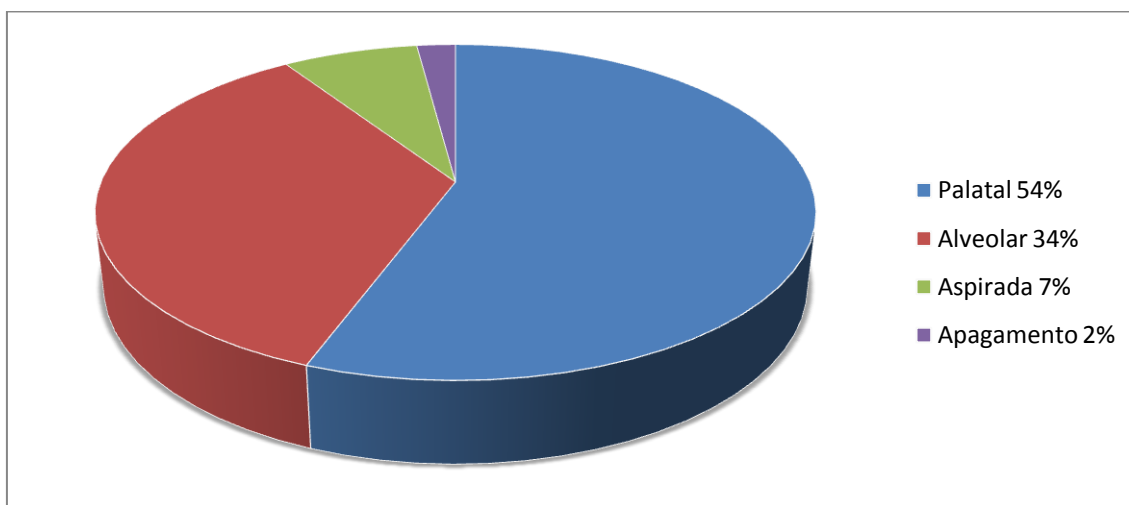
Gráfico 4: Fricativa coronal /S/ em posição medial em Recife



Fonte: Callou, Leite e Moraes (2002)

Recife apresenta um predomínio da forma palatal na posição medial, enquanto a forma aspirada e o apagamento não apresentam grandes diferenças dos resultados pessoenses. Já na posição final, temos 54% de palatalização e 34% do uso das alveolares.

Gráfico 5: Fricativa coronal /S/ em posição final em Recife



Fonte: Callou, Leite e Moraes (2002)

Os dados revelam que, independentemente do contexto fonológico seguinte, nesta região, existe uma preferência pelo uso das palatais.

Quadro 3: Fatores condicionadores do uso da palatal em Recife

[ʃ]	[ʒ]
e[ʃ]fera	bi[ʒ]neto
ve[ʃ]pa	a[ʒ]ma
fu[ʃ]ca	e[ʒ]goto

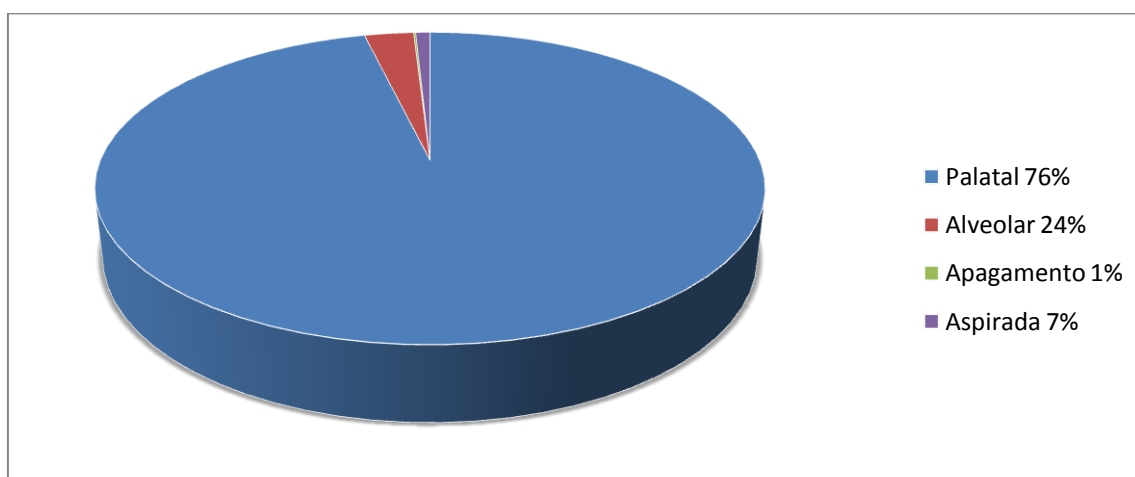
Segundo Callou, Leite e Moraes (2002), a realização palatalizada do /S/ restringia-se, de início, ao dialeto carioca. Eles ainda afirmam que, por ser considerada uma pronúncia nobre, importada da corte portuguesa, a forma palatalizada estendeu-se para o Nordeste, que tinha, no falar da antiga capital, a representatividade da norma de prestígio.

De acordo com Brescancini (1996), a pronúncia palatalizada do /S/ no Brasil pode estar relacionada às áreas de antigos portos dos séculos XVII e XIX. Para a autora, a pronúncia palatalizada é uma evolução do português europeu instaurada no século XIII no seu sistema fonético. Assim, a forma palatal apresenta-se como uma inovação, enquanto, a forma alveolar é a preservação do português do período da colonização.

Ainda a respeito do comportamento da fricativa coronal /S/ em posição de coda no falar recifense, temos o trabalho de Macedo (2004) que apresenta um panorama desse fenômeno e constata que a palatalização da fricativa coronal em posição de coda é marca do falar recifense.

Através da análise de 12 entrevistas de DID (Diálogo entre Informante e Documentador) do projeto NURC – Recife, Macedo constatou a presença de 5.369 ocorrências do /S/ em posição de coda. As formas alveolar e palatal contabilizaram 3.911 realizações, dessas, a forma palatal esteve presente em 76% das ocorrências.

Gráfico 6: Fricativa coronal em posição de coda em recife por Macedo



Fonte: Macedo (2004)

Tabela 1: Realização da fricativa coronal /s/ em Recife por Macedo

Variante	Aplic./total	Frequência
Palatal	2.980/ 3.911	76%
Alveolar	931/ 3.911	24%

Fonte: Macedo (2004)

Assim, como as pesquisas realizadas por Callou, Leite e Moraes (2002), Macedo (2004) aponta para a supremacia da variante palatal, independente do contexto fonológico seguinte. Macedo (2004) constata que os fatores que mais influenciaram o uso da forma palatal foram:

- O sexo, apresentando-se como fator mais relevante, em que o sexo feminino apresenta uma maior realização da fricativa coronal /S/ de forma palatalizada.
- O contexto fonológico seguinte, com uma ocorrência maior do fenômeno antes das coronais.
- O traço de sonoridade, o desvozeado no contexto fonológico seguinte, propiciando a produção do fenômeno.
- A posição da sílaba, no caso a posição de coda interna como maior favorecedora à realização do fenômeno.

Conhecendo o comportamento heterogêneo do segmento escolhido para observar a acomodação linguística do falar recifense por paraibanos, e sabendo que tal comportamento se dá de forma distinta nas regiões citadas, apesar da proximidade geográfica, passemos agora para a fundamentação teórica utilizada na feitura deste trabalho.

CAPÍTULO II

APORTE TEÓRICO

2. SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E TEORIA DA ACOMODAÇÃO DA COMUNICAÇÃO

Elegemos a Sociolinguística Variacionista, (LABOV, 2008 (1972)) e a Teoria da Acomodação da Comunicação Linguística (GILES et al, 1973) como norteadoras da nossa pesquisa. A Teoria da Acomodação da Comunicação proposta por Giles (1973) possibilita o entendimento da implementação, da extensão, dos fatores que influenciam no processo de acomodação dialetal. A Sociolinguística Variacionista possibilitará uma análise empírica dos dados, permitindo a sistematização das variações e mudanças linguísticas.

2.1 Sociolinguística

Apesar de a linguagem humana possuir uma estreita relação com a sociedade, por muito tempo, o componente social foi negligenciado pelos estudos linguísticos. A sociolinguística nasce com o objetivo de trazer para a cena dos estudos linguísticos o componente social preterido pelos estruturalistas e gerativistas.

O termo sociolinguística surge a partir de um congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), em 1964. Participaram deste congresso Jonh Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, Jonh Fisher, José Pedro Rona, os quais centravam seus estudos em questões relativas à linguagem e à sociedade. Para Alkmim (2005), ao publicar os trabalhos apresentados, Bright define e caracteriza a nova área de estudo.

A proposta de Bright para a Sociolinguística é a de que ela deve “demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social”. Ou seja, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade. Segundo o autor, o objeto de estudo da Sociolinguística é a diversidade linguística. (ALKMIM, 2005, p.28)

Assim, a proposta da sociolinguística é demonstrar que existe uma sistemática covariação entre estrutura linguística e estrutura social, fenômeno que, por muito tempo, fora ignorado pelos formalistas.

Os estruturalistas, a exemplo de Saussure (1975), com a dicotomia *língua versus* fala, dispensam as questões externas da língua, centrando-se nas questões internas, vendo a língua como um sistema organizado possível de ser analisado sem o componente externo. Os estruturalistas estavam preocupados com o caráter formal e estrutural da linguagem, definidos por Saussure como linguística propriamente dita, ou abordagem imanente da língua. Alkmim (2005) mostra que, para Saussure, o estudo dos fenômenos externos é muito frutífero, e é falso dizer que, sem eles, seria impossível reconhecer o organismo linguístico. Para Saussure (1975), os fatos da língua podem ser estudados separadamente dos fatos da fala. Os fatos da língua dizem respeito à estrutura do sistema linguístico, enquanto os da fala, ao uso desse sistema. Desse modo, faz-se a distinção entre uma linguística interna – que aborda questões referentes à estrutura do sistema linguístico, ou seja, preocupa-se com a língua; e a linguística externa – que aborda questões referentes ao uso desse sistema, a fala. De acordo com Chagas (2008), o objetivo de Saussure foi isolar a língua de tudo que lhe era exterior.

Saussure quis estabelecer a linguística interna como uma disciplina científica, relegando para segundo plano a linguística externa, que se ocupa da relação existente entre a língua e a história, as instituições e a estrutura da sociedade, a estrutura externa é vista por ele como algo secundário. O essencial seria, então, estudar os elementos da língua como eles se relacionam entre si. (CHAGAS, 2008, p. 148)

Os gerativistas, com o seu maior representante, Chomsky (1957), centralizam seus estudos no conhecimento linguístico armazenado na mente do falante. O conhecimento linguístico, inato, é chamado de *competência*, enquanto o uso concreto desse conhecimento, *desempenho*. Os gerativistas advogam que o funcionamento da linguagem na mente humana só pode ser explicado pelos estudos da competência, deixando de lado o desempenho do informante. Dessa forma, eles não estão preocupados com os componentes sociais que influenciam o desempenho do falante. Com o objetivo de desbravar a competência, interessa aos gerativistas o conhecimento individual da língua, assim, pressupõe-se um falante ideal numa comunidade ideal, isolando-se o linguístico do social.

A partir das discussões anteriores, percebe-se que a sociolinguística nasce em oposição à abordagem da língua *versus* contexto social. Como nos mostra Alkmim (2005), a sociolinguística nasce num momento em que linguagem, cultura e sociedade são consideradas fenômenos inseparáveis, logo, nasce num campo interdisciplinar.

No entanto, apesar de a sociolinguística ser concebida num campo interdisciplinar, deve ser considerada autônoma, pois seu objetivo difere das outras disciplinas, como afirma o antropólogo Dell Hymes (1977).

Segundo Fernández (1998), o nascimento da sociolinguística estava revestido de um caráter multidisciplinar, pois confluíram interesses de disciplinas como a linguística, a antropologia e a sociologia.

La sociolingüística actual desarrolla su actividad investigadora en tres campos principalmente: la sociolingüística cuantitativa urbana o variacionismo, la sociología del lenguaje y la etnografía del la comunicación. Entre estas corrientes hay diferencias teóricas y metodológicas importantes, [...]. (FERNÁNDEZ, 1998, p.299)¹

Para a nossa pesquisa, elegemos a sociolinguística variacionista como base teórica, que difere das outras abordagens por analisar e observar a língua falada no contexto social e em situação de uso real.

2.1.1 Sociolinguística variacionista

A Sociolinguística variacionista nasceu das inquietações de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) a respeito do tratamento dado pela linguística ao fenômeno da mudança linguística, o que possibilitou o surgimento do texto “*Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*”, elaborado para ser apresentado no simpósio “Direções para a Linguística Histórica”, que ocorreu na Universidade do Texas em 1966. Nesse texto, os referidos autores traçam o percurso dos estudos acerca da mudança linguística sob uma perspectiva variacionista, concebendo a língua como heterogênea e sistemática. Além disso, também buscam fundamentar uma teoria que dê conta dos problemas da mudança linguística ignorados anteriormente pelas outras teorias que observavam a língua como uma estrutura homogênea. A língua passa a ser analisada nesse momento como uma estrutura heterogênea passível de sistematização.

Para Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), uma teoria sobre a mudança linguística teria que romper a identificação de estruturalidade com homogeneidade.

¹ Tradução: A sociolinguística atual desenvolve sua atividade investigadora em três campos principais: a sociolinguística quantitativa urbana ou variacionista, a sociologia da linguagem e a etnografia da comunicação. Entre estas correntes há diferenças teóricas e metodológicas importantes.

A solução, argumentaremos, se encontra no rompimento da identificação de estruturalidade [structuredness] com homogeneidade. A chave para uma concepção racional da mudança linguística- e mais, da própria língua- a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada numa língua que serve a uma comunidade. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006,p. 36)

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), a heterogeneidade foi vista, por muito tempo, como um fato de conflito para as abordagens estruturais da língua, o que dificultava os estudos relativos à mudança linguística. A questão estrutural ligava-se diretamente às funcionais, ou seja, para funcionar eficientemente, a língua necessitaria de uma estrutura que fosse homogênea. No entanto, os autores citados perceberam que a heterogeneidade da língua não a tornava menos eficiente, a língua mudava e continuava cumprindo o seu papel comunicativo. Daí a proposta de romper com a identificação de estruturação com homogeneidade da língua, ideia de que, para uma língua funcionar eficientemente, precisa seguir o princípio da homogeneidade.

A questão da heterogeneidade está diretamente ligada às várias possibilidades de o falante dizer a mesma coisa de várias maneiras, fato que possibilita a mudança linguística ou não com o passar dos tempos. A proposta de Weinreich, Labov e Herzog (doravante WLH) não foi apenas atestar a mudança, já que procuraram desenvolver uma teoria da mudança que demonstrasse como ela ocorre e quais os fatores que levam à sua implementação. O objetivo era comprovar que tal evento era influenciado conjuntamente por fatores linguísticos e sociais.

Para os gerativistas, a mudança linguística era vista como um erro no desempenho do falante, assimilado e reproduzido. Assim, toda mudança iniciava-se a partir de uma interpretação errada por parte do informante, logo, os desvios de um sistema homogêneo seria provocado por equívocos do desempenho do falante.

A sociolinguística variacionista propõe um posicionamento diferente dos gerativistas, advogando que a mudança faz parte da competência do falante. De acordo com WLH, a mudança linguística diz respeito ao domínio do falante, das estruturas heterogêneas existentes não apenas no desempenho, mas na competência linguística, logo, a mudança linguística faz parte da competência do informante, ou seja, a heterogeneidade é um fato real nas línguas. De acordo com os autores citados, sua ausência seria disfuncional.

Argumentaremos que o domínio de um informante nativo [*nativelike command*] de estruturas heterogêneas não tem a ver com multidialetalismo nem com o “mero” desempenho, mas é parte da competência linguística monolíngue. Um dos corolários de nossa abordagem é que numa língua que serve a uma comunidade complexa (i.e., real), a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 36)

Assim, considerando a mudança linguística como uma realidade da estrutura linguística do informante, a proposta da sociolinguística variacionista é identificar os fatores condicionantes para a realização da mudança. Um dos objetivos da sociolinguística variacionista é investigar as mudanças e as condições de ocorrência em uma dada estrutura linguística.

Ao construir os pilares de uma teoria da mudança linguística, WLH buscam identificar problemas a serem solucionados para o desenvolvimento empírico dessa. Assim, a tarefa da sociolinguística é tentar solucionar o problema dos fatores condicionantes da mudança, como também a questão da transição, do encaixamento, da implementação e da avaliação. Os fatores condicionantes dizem respeito ao contexto, às condições possíveis para a mudança, sejam elas linguísticas ou não; a transição refere-se ao caminho percorrido de uma determinada forma até chegar à mudança; o problema do encaixamento refere-se à natureza e à extensão do encaixamento da nova forma no sistema linguístico; a implementação da nova forma sofre estímulos tanto sociais como estruturais, cabendo à sociolinguística variacionista identificar e sistematizar estes estímulos; e, por fim, a avaliação que está diretamente ligada à consciência social da mudança, pois a manutenção desta é determinada por aquela.

Concebendo a língua como dinâmica, a Teoria da Variação Linguística possui um modelo teórico-metodológico que busca a ordenação da heterogeneidade e considera a variação sistemática, regular e ordenada, inerente ao sistema linguístico, como já vimos. Assim, a função da sociolinguística é sistematizar o aparente caos existente na heterogeneidade.

A Teoria da Variação Linguística, como afirma Tarallo (2007), é um modelo teórico-metodológico que assume o caos linguístico como objeto de estudo. O principal objetivo dessa teoria é identificar a variação linguística e quais fatores linguísticos e extralinguísticos estão propiciando essa variação.

E em 1963, William Labov deu início ao modelo teórico-metodológico chamado sociolinguística variacionista, com o estudo feito sobre o inglês na ilha de Martha's

Vineyard. Nesse trabalho, Labov analisa a frequência de algumas variantes fonéticas nas diversas regiões, como também faixas etárias, grupos profissionais e étnicos dentro da ilha, com o objetivo de reconstruir a história da mudança sonora. Nesse estudo, ele procurou identificar os fatores sociais que incidem sobre o processo de mudança. Esse deu origem à sua dissertação, a qual foi orientada por Weinreich. Logo depois, Labov fez um estudo inovador, intitulado “A estratificação social do /r/ nas lojas de departamentos na cidade de Nova York”, que deu origem à sua tese, também orientada por Weinreich. Este estudo foi inovador devido ao seu aspecto teórico e metodológico, um marco para as pesquisas variacionistas.

Os estudos linguísticos centrados na Teoria da Variação encontram na metodologia um grande obstáculo na realização da pesquisa linguística, pois procuram o vernáculo, ou seja, o estilo de fala espontâneo falado diariamente sem a preocupação com a norma culta da língua.

Labov conseguiu, com essa pesquisa, anular a influência do contexto de entrevista. Seu trabalho foi realizado em três lojas de departamento (Saks, Macy’s e S. Klein), com o objetivo de demonstrar o uso diferenciado do /r/ na cidade de Nova York através da observação do comportamento linguístico de funcionários dessas três lojas, e que esse uso seria determinado pelas diferenças sociais.

De acordo com Labov (2008), o método para obter uma grande quantidade de dados confiáveis da fala de uma pessoa é a entrevista individual gravada, mas a fala da entrevista é formal, monitorada e controlada pela presença do observador externo. Assim, em comparação ao vernáculo da vida cotidiana, essa fala coletada na entrevista difere do vernáculo.

Assim, a proposta de Labov nesse estudo era eliminar as marcas da linguagem formal de situação entrevista. Sua pesquisa inovadora conta com a análise de observações rápidas e anônimas da estrutura linguística e social de nova-iorquinos. Sua proposta era mostrar que a estratificação social influencia diretamente no uso da língua. Labov acreditava que vendedores de loja de *status* mais alto iriam apresentar os valores mais altos do uso linguístico do /r/, enquanto lojas de *status* médio, valores intermediários, e as lojas de *status* baixo apresentariam os valores mais baixos. Sua hipótese foi confirmada, mostrando que as influências sociais determinam o uso linguístico de um determinado segmento.

O estudo de Labov possibilitou traçar o desenho metodológico da pesquisa sociolinguística, foi um marco inicial concreto dessa nova realidade nos estudos linguísticos.

De acordo com Tarallo (2007), William Labov foi o iniciador do modelo teórico-metodológico, tendo sido o primeiro a surgir no cenário da investigação propriamente dita. Para esse autor, Labov foi quem mais veementemente voltou a insistir na relação entre língua e sociedade.

Diferente das correntes anteriores, a sociolinguística variacionista busca traçar o percurso da mudança linguística, identificando também o processo de variação coexistente na estrutura linguística. Assim, reconhecendo a heterogeneidade da língua, antes negligenciada, os sociolinguistas buscam, através da análise sistemática da língua, identificar as regularidades dessa variação. Com essa análise, é possível identificar o momento exato da mudança, que significa o uso definitivo de uma forma em detrimento da outra.

É importante diferenciarmos mudança linguística de variação linguística. Variação significa o uso de duas ou mais formas equivalentes. A mudança, por sua vez, revela a estabilização de uma determinada forma. Ou seja, variação implica duelo, mudança implica vitória de uma variante. Assim, toda mudança surge em algum momento de uma variação existente na língua. Poderíamos dizer que toda mudança implica que houve variação, mas nem toda variação implica mudança. Logo, um dos objetivos do sociolinguista é, através da análise do contexto social e linguístico, identificar o processo de mudança, ou seja, a estabilização de uma forma linguística, e identificar a mudança em progresso.

Para nosso estudo, além de observarmos o fato da variação linguística presente no fenômeno da fricativa coronal em posição /S/ em posição de coda, queremos identificar os fatores que levam ao uso de uma determinada forma em detrimento da outra. Observando a realidade de cada comunidade, poderemos fazer uma comparação das preferências de uso de uma determinada escolha de uma forma ao invés da outra, a saber, alveolar X palatal.

2.2 Teoria da Acomodação da Comunicação

O uso da Teoria da Acomodação da Comunicação surge da necessidade de entender os fatores que contribuem para a acomodação dialetal. Esta teoria nos

possibilita entender as causas da acomodação, bem como as estratégias utilizadas pelos informantes no processo de acomodação.

Os primórdios da Teoria da Acomodação da Comunicação surgem a partir das primeiras publicações de Giles (1973) a respeito do que ele denominou de “Teoria da Acomodação da Fala”. Nesse trabalho seminal, Giles critica alguns aspectos do paradigma laboviano, argumentando que o papel da formalidade-informalidade do contexto e o critério de “atenção à fala” (associados por Labov ao prestígio dos estilos de fala) poderiam ser interpretados como processos de acomodação interpessoal (cf. GILES, COUPLAND & COUPLAND, 1991). Giles converge sua atenção para os fatores que estão envolvidos no processo de acomodação dialetal e para a influência de falantes sobre outros, fato que se exterioriza através do comportamento linguístico. Em outras palavras, a teoria propunha que a explicação através da “formalidade-informalidade do contexto” poderia ser substituída por uma interpretação em termos de influência interpessoal, através da convergência linguística de um falante.

Para Giles (1973), a estrutura sociocultural influencia diretamente nas práticas comunicativas. Assim, a partir do momento em que o indivíduo se depara com uma nova realidade, tem a predisposição de reproduzir ou não características peculiares dessa nova realidade, a depender da avaliação e do seu objetivo.

Em sua gênese, a teoria proposta por Giles tinha um foco sócio-psicológico, embora ela não tenha se restringido apenas a esse campo de estudo. Como afirma Giles (1973), ao longo de doze anos, a teoria se desenvolveu, levando em consideração os fenômenos relacionados aos processos de interação comunicativa. Assim, num segundo momento, a Teoria da Acomodação da Fala passou por uma releitura por parte de seus teóricos, numa perspectiva mais interdisciplinar, explorando aspectos linguísticos mais amplos, como as dimensões discursivas da interação social e fenômenos não verbais da língua. Surge, então, a Teoria da Acomodação da Comunicação, a partir do trabalho de Giles et al. (1987).

A acomodação envolve um conjunto de fatores comunicativos, linguísticos e comportamentais. Logo, essa interdisciplinaridade é de extrema importância para uma abordagem lúcida dos fatos.

De acordo com Giles (1973), o indivíduo, com o objetivo de garantir a aceitação social, tenta convergir a sua maneira de falar de acordo com a do seu interlocutor. A esse fenômeno o autor deu o nome de “convergência”. No texto “Accommodation theory: Communication, context, and consequences”, de Howard Giles, Nikolas

Coupland e Justine Coupland (1987), os autores citados definem a convergência como a adaptação de comportamentos linguísticos e extralinguísticos de indivíduos com a finalidade de alcançar uma aprovação por parte do interlocutor. Para esses autores, não são assimilados apenas traços linguísticos, prosódicos e paralinguísticos – características comportamentais que influenciam na comunicação também o são. Ou seja, para uma maior aprovação, o informante aproxima-se ao máximo do interlocutor.

Por outro lado, se o informante deseja um distanciamento do interlocutor, ele reproduz as diferenças dialetais que os separam, divergindo da maneira de falar do interlocutor. Giles nomeia esse fenômeno de “divergência”.

Para Giles, a acomodação ocorrerá a depender das necessidades do indivíduo. De acordo com este autor, há muitas razões para realizar atos acomodativos, assim como também para não fazê-los. A Teoria da Acomodação da Comunicação surge com o objetivo de determinar por que a acomodação acontece, quais os fatores que a motivam, quais as situações mais propícias para o seu surgimento.

Segundo Marques (2010), Giles volta-se para as investigações de atitudes, motivações e estratégias usadas pelos informantes com o objetivo de atingir a integração social e preservar a identidade do grupo.

A acomodação linguística surge com o objetivo de aproximar os informantes, e em alguns casos ela acontece de forma involuntária, em outros casos não, o indivíduo esforça-se para realizá-la, gerando uma avaliação negativa por parte do receptor.

Analisando a mudança dialetal em situação de contato de argentinos com mexicanos, Pesqueira (2004) constatou que, em relação à mudança lexical, as mulheres são mais adaptáveis que os homens. Em sua pesquisa, ele procurou investigar tanto a acomodação sonora quanto a acomodação lexical. Acreditava-se que a mudança sonora estivesse relacionada às variáveis: *anos em que viveu no México, se tinha família mexicana, o desejo de permanecer no México* e o *sexo*, sendo o sexo feminino mais propenso à mudança. No entanto, os dados mostraram que nenhum desses fatores, exceto a quantidade de anos em que vive no México, influenciou nessa mudança sonora. Porém, as variáveis sexo, idade em que chegou e família mexicana estão diretamente relacionadas à mudança lexical. Citando Chambers (1992), o autor mostra que, segundo o princípio da aquisição de dialeto, a substituição de itens lexicais ocorre mais rapidamente do que a mudança sonora, fato comprovado em seu trabalho. Pesqueira ainda mostra que a atitude amigável em relação ao segundo dialeto contribui para a mudança dialetal. Os dados revelam que os informantes que possuem uma atitude

amigável são mais adaptáveis à mudança sonora do que os que possuem uma postura indiferente ao segundo dialeto.

Alguns trabalhos realizados no Brasil, a exemplo de Marques (2006), Martins (2008) e Chacon (2012), já abordaram o processo da acomodação dialetal no âmbito nacional.

Analizando o processo de assimilação dialetal na fala de migrantes paraibanos que residem há, no mínimo, um ano no Rio de Janeiro, como também brasileiros que residem em Portugal, Marques (2006) constatou que a acomodação se processa de forma variada no que diz respeito às variedades inter-regional e intercontinental. Ela observou que dez anos é um espaço de tempo suficiente para a incorporação do dialeto do Rio de Janeiro por paraibanos. No entanto, no que diz respeito à acomodação dos traços dialetais portugueses por brasileiros, este espaço de tempo é insuficiente: brasileiros, especialmente provenientes de Pernambuco, com mais de trinta anos residindo em Portugal, mantêm as marcas dialetais. Um dos argumentos utilizados por Marques diz respeito às pressões enfrentadas pelos informantes. De acordo com a autora, as pressões sofridas pelos informantes no Rio de Janeiro são maiores que as sofridas pelos brasileiros em outro país, no caso, Portugal. Para Marques (2006), a avaliação negativa do falar paraibano, estigmatizado pelas outras regiões, é um fator que contribui para a acomodação dialetal. A autora constatou ainda que as pessoas que fazem do modo de vida e a fala dos cariocas como um modelo de projeção de identidade são as que mais facilmente acomodam.

Martins (2008) observou o processo de acomodação da palatalização das oclusivas dentais [t] e [d] por paraibanos residentes no Rio de Janeiro. De acordo com essa pesquisa, os informantes analisados abriram mão de mais de 60% por cento do seu dialeto de origem para dar lugar ao dialeto carioca. Os fatores que influenciaram essa acomodação elencados por Martins foram: a idade, a conservação da interação com os cariocas, o desejo de não voltar, a identificação com o local e o desprendimento do dialeto de origem. Para Trudgill (1986), o processo de assimilação depende de inúmeros fatores, entre eles, a personalidade de cada um.

Com o objetivo de analisar o processo de acomodação da palatalização da fricativa coronal /S/ em coda medial, em contexto seguinte [t, d], no contato dialetal de paulistas com pessoenses, Chacon (2012) avaliou, sob o ângulo estatístico, acústico e atitudinal, o comportamento linguístico dos sujeitos. Ela constatou 34,8% de acomodação contra 65,2% da preservação do dialeto paulista, considerado uma

incidência mínima de acomodação pela autora. Para Chacon (2012), as variáveis sociais e as atitudes linguísticas estão engrenadas com a acomodação, logo, fez-se necessária uma análise quantitativa e qualitativa dos dados. O tempo de exposição e a idade dos informantes, junto com as atitudes, foram aspectos decisivos para a acomodação do fenômeno. Em seu trabalho, o tempo de exposição de um ano mostrou-se insuficiente para a acomodação. Em relação à idade, a fase infantil e a adolescência mostraram-se mais receptíveis à acomodação. Atitudes negativas por parte dos pessoenses do falar paulista, em relação ao *status* e juízos de valor, estimularam a acomodação mais do que as atitudes positivas dos paulistas ao dialeto paraibano.

Assim, é importante investigarmos a atitude do informante em relação ao segundo dialeto para compreendermos melhor a acomodação ou não. Tanto atitudes positivas como negativas influenciam a acomodação. Acreditamos que a avaliação positiva em relação ao novo dialeto propiciará a acomodação de traços característicos desse dialeto, assim como uma avaliação negativa do seu dialeto de origem contribuirá para a acomodação ao novo dialeto. Como a questão da avaliação está diretamente ligada à atitude do sujeito, é importante discorrermos sobre este tema diretamente ligado ao processo de acomodação.

2.2.1 Língua e atitude linguística

A linguagem é uma forma encontrada pelos indivíduos de imporem a sua identidade. Através dela, é possível demonstrar, entre outras coisas, a que grupo social pertencemos. Através da linguagem, podemos manifestar, entre tantas reações, sentimentos de aceitação ou rejeição a um determinado grupo. É possível também, por meio da linguagem, estabelecer aproximação ou distâncias entre os indivíduos.

O poder da linguagem é manifestado através das atitudes linguísticas dos falantes. De acordo com Giles, Ryan e Sebastia (1982), atitudes linguísticas são “qualquer índice cognitivo, afetivo ou comportamental de reações avaliativas em direção às variedades diferentes de língua ou de seus falantes”.

De acordo com Uflacker e Schneider (2008), o sentimento de pertencer a um determinado grupo se externa pelo uso da linguagem. As representações de nossas crenças e diferentes identidades sociais revelam-se através das nossas atitudes linguísticas. Sob essa ótica, é através das atitudes linguísticas de um indivíduo que podemos identificar seus valores sociais e culturais.

Destarte, os estudos acerca da atitude linguística revelam-se indispensáveis também para a sociolinguística, cujo objetivo é identificar as motivações que levam um indivíduo privilegiar uma determinada variante em detrimento de outra. Para Fasold (1984), os estudos acerca das atitudes linguísticas devem ser observados pela sociolinguística. Para ele, a atitude linguística de um indivíduo pode ser revelada através do *status*. Um falante de maior *status* em contato com outro de menor *status* tende a não compreendê-lo, enquanto o de menor *status* compreende-o. Ele afirma que a maior contribuição dos estudos de atitude linguística é destacar a importância social da linguagem.

Os estudos acerca da atitude linguística teve início na psicologia social. Schneider (2007) diferencia a abordagem psicológica da abordagem linguística em relação à atitude linguística. Ela mostra que a psicologia social concebia os estudos a respeito das atitudes apenas para obter dados, sem se preocupar com o aspecto sociocultural, nem com questões sociolinguísticas. Para a autora citada, as variedades linguísticas não podem ser explicadas apenas a partir de fatores sociais e situacionais, deve-se levar em conta as normas, valores e os modelos de prestígios na comunidade.

A *solidariedade* e o *status* são dimensões avaliativas definidas por Giles, Ryan e Sebastian (1982) ligadas às atitudes linguísticas. A *solidariedade*, ou lealdade linguística, geralmente vincula-se à avaliação positiva da língua ou variedade intragrupo; o *status* é o reconhecimento que a sociedade confere às pessoas em função da posição que nela ocupa.

Para os autores supracitados, um dos pressupostos para os estudos a respeito da atitude linguística é a existência do reconhecimento de que, em uma comunidade de fala e entre diferentes comunidades, coexistam diferentes variedades de língua e estilos de forma constratante e competitiva.

CAPÍTULO III
METODOLOGIA

3. Metodologia

Neste capítulo, versaremos a respeito dos procedimentos metodológicos na feitura deste trabalho. Optamos em descrever a geração e o tratamento dos dados dividindo-o em tópicos e subtópicos referentes a cada momento da pesquisa.

3.1 Construção do *corpus*

Nosso *corpus* é constituído por 9 informantes paraibanos que residem há, no mínimo, dois anos em Recife. As gravações foram realizadas com todos os 9 informantes.

Quadro 4: Informantes

Informante	Duração	Tempo em que mora em Recife
Informante 1	00:22:40	13 anos
Informante 2	00:23:05	3 anos
Informante 3	00:29:23	2 anos
Informante 4	00:36:37	16 anos
Informante 5	00:38:02	36 anos
Informante 6	00:24:01	2 anos
Informante 7	00:25:45	20 anos
Informante 8	00:24:50	3 anos
Informante 9	00:20:03	10 anos

3.1.1 Caracterização dos participantes

Para a pesquisa sociolinguística, os fatores extralinguísticos são tão importantes quanto os fatores linguísticos. Este tópico busca esclarecer algumas particularidades dos participantes que possam interferir ou contribuir para a acomodação da fricativa coronal /S/ em posição de coda.

Assim, faremos agora uma breve apresentação dos participantes, seguiremos a ordem crescente, apresentada na tabela anterior.

Informante 1

Reside em Recife há 13 anos, tem 38 anos e mora sozinha. Após o término do curso de Nutrição da UFPB – Universidade Federal da Paraíba –, a informante sentiu o desejo de fazer residência em Recife, onde encontrou grande oportunidade profissional. Passou em um concurso público no Hospital das Clínicas, onde trabalha até o momento. Não pretende voltar a morar na Paraíba. Possui muitos amigos, a maioria do trabalho, frequenta academia, onde se relaciona com recifenses e outras paraibanas, assim como ela. Esta informante se comunica todos os dias com a família, que está na Paraíba, e, uma vez por mês, volta para visitá-la, passando, no mínimo, dois dias com a família e amigos. A informante, apesar de ter conquistado muita coisa em Recife, sente muita falta da família, por isso, sempre que tem oportunidade, volta para visitá-la.

Informante 2

Com 27 anos, esta informante reside em Recife há três anos. Assim como a informante 1, foi morar em Recife por motivos acadêmicos e profissionais. Ela faz residência em pediatria no Hospital das Clínicas e trabalha em uma UPA – Unidade de Pronto Atendimento. Mora com uma amiga, que também é paraibana. Uma peculiaridade dessa informante é que ela nasceu em Pernambuco, mas veio morar na Paraíba aos três anos de idade. Sua mãe é recifense, mas o pai é paraibano, natural de Catolé do Rocha. Visita os irmãos quinzenalmente, gosta de vir para ficar próxima aos irmãos, aos sobrinhos e aos amigos que aqui ficaram na Paraíba.

Informante 3

Tem 28 anos e reside há 2 anos em Recife com uma amiga paraibana. O motivo da migração, assim como as informantes anteriores, foi acadêmico e profissional. Terminando o curso de Medicina na UFPB, decidiu fazer residência em Anestesiologia, também no Hospital das Clínicas, devido à boa referência da instituição. Costuma voltar à Paraíba mensalmente para visitar a família e os amigos, ficando, no mínimo, dois dias.

Sente muita falta da Paraíba, da família, das amigadas, do povo, ou seja, não se acostumou ainda com a realidade de Recife.

Informante 4

Por motivos profissionais e pessoais, reside em Recife há 16 anos. Com 38 anos, afirma que a ida para Recife foi um grito de liberdade, pois se sentia presa, devido à pressão de seu pai. Ao terminar o curso de Enfermagem na UPFB, fez um concurso público para o Hospital das Clínicas, em Recife. Uma informação muito importante a respeito dessa informante é que ela foi casada por 11 anos com um recifense, teve uma filha, porém, ambos faleceram em um acidente de carro. Hoje, o contato com recifenses ainda é muito grande, pacientes, familiares dos pacientes, colegas de trabalho e médicos. Costuma vir à Paraíba quinzenalmente, passando dois dias. Nesses dias, dá plantão em um hospital da capital. A informante está bem familiarizada com a realidade de Recife, gosta muito do local, do povo, do trabalho.

Informante 5

Morando há 36 anos em Recife, a informante demonstra bastante gratidão ao local em que vive. A informante é natural de Patos/PB, tem 51 anos e chegou a Recife ainda muito nova, quando estudava o primário, hoje ensino fundamental I. Seguindo os passos do irmão, deixou sua família em Patos para uma vida nova, em vista de uma oportunidade para crescer na vida. Formou-se, começou a trabalhar e casou-se com um pernambucano, que não era recifense e teve dois filhos. Muito solícita, mostrou-se bastante familiarizada com o novo Estado, revelou que gosta muito de morar em Recife e não pretende voltar à Paraíba.

Informante 6

Com 30 anos, o informante mora sozinho em Recife há 3 anos. O motivo da ida para a capital de Pernambuco foi profissional, trabalha criando programas de computadores. Apesar de morar em Recife, passa a maioria do tempo em contato com pessoas que não são de Recife, pois convive muito tempo com pessoas que não são recifenses, amigos paraibanos e de outros estados, com quem trabalha. Costuma visitar

a família e os amigos quinzenalmente, ficando no máximo dois dias. Gosta de Recife devido à grande possibilidade de crescer na profissão.

Informante 7

Reside em Recife há 20 anos. Apesar disso, a informante ainda não conseguiu se adaptar com a distância dos seus familiares, por isso, sempre que possível, vem à Paraíba para visitá-los. Com 46 anos, vive com o esposo, que não é recifense, e tem uma filha recifense. Em Recife, conseguiu alcançar uma vida relativamente boa, mas tem muita saudade da família, por isso, sempre que pode, está na Paraíba, agora com menos frequência, pois, como a filha estuda, não dá para vir com a mesma frequência que antes. Muito introspectiva, não possui muitos amigos, fato que justifica o pouco contato com os recifenses, apesar de morar lá. No momento, não está trabalhando, terminou o curso de Serviço Social, mas não se identificou com a profissão. Fez curso de enfermagem e socorrista do SAMU – Serviço de Atendimento Móvel de Urgência – e estuda para concurso público nessa área.

Informante 8

Morando há 3 anos em Recife, também por motivos profissionais, este informante mora com duas amigas paraibanas. Seus pais são recifenses, mas estão há 30 anos na Paraíba. Quando criança, sempre visitava os parentes, avós, tios e primos, em Recife. É noivo de uma paraibana e deseja retornar à Paraíba. Quinzenalmente, visita sua família e seus amigos na Paraíba. Seu contato com recifenses é mais intenso no trabalho.

Informante 9

A informante 9 está morando em Recife há 10 anos. Jogadora de futebol, teve a oportunidade de ser contratada pelo *Sport* de Recife, o que contribuiu para sua migração. Ela é casada com um recifense e tem um filho paraibano. Possui muitos amigos recifenses, mas sente muitas saudades da família e dos amigos da Paraíba, por isso, mensalmente retorna para visitá-los. Em Recife, conseguiu concluir uma faculdade de administração e agora, além de continuar jogando, trabalha em uma empresa de

telecomunicação exercendo funções administrativas. Até o momento não possui desejo de voltar à Paraíba.

3.1.2 Da entrevista

O vernáculo é o alvo de toda pesquisa cujo objetivo principal é a sistematicidade da heterogeneidade da língua. O pesquisador variacionista tem por finalidade estudar a língua falada em situações naturais de comunicação, sem a preocupação com o seu uso formal. Porém, como conseguir dados naturais se o informante está numa situação de entrevista, que, de uma forma ou de outra, exige seriedade, uma postura mais formal? Labov (2009) define a situação de entrevista como estilo de fala monitorada: não tão formal quanto um discurso público e uma entrevista de emprego, porém mais formal do que a conversa informal entre amigos. Logo, os procedimentos de uma entrevista sociolinguística devem buscar a informalidade para alcançar o vernáculo, a linguagem do dia a dia, aquela que usamos com a nossa família e amigos.

Labov definiu vários fatores hierarquizantes na formulação da entrevista sociolinguística, o que podemos chamar de roteiro. Esses fatores são chamados de módulos conversacionais. Cada módulo abrange um tema, que deve ser escolhido com a finalidade de deixar o entrevistado o mais desprendido da fala formal, com as questões partindo do geral para o pessoal. De acordo com Tagliamonte (2008), a técnica ideal é aquela que produz narrativas de experiências pessoais, como infância, perigo de morte, sonhos, medos, etc. As questões linguísticas devem ser abordadas no final da entrevista.

Apesar de todas as técnicas sugeridas, o pesquisador não deve deixar de utilizar o seu *feeling*. De acordo com Eckert (2000), a entrevista não deve ter uma ordem pré-definida, assim, ela vai muito da percepção do pesquisador em relação ao entrevistado. O pesquisador tem que estar atento ao tema, pois uma questão leva a outra, e, quanto mais o entrevistado conhecer o tema proposto, mais ele reproduzirá o vernáculo, desprendendo-se de uma postura mais formal.

Partindo desses pressupostos, elaboramos um roteiro para a nossa entrevista, com vistas a induzir o informante a um falar mais espontâneo. Iniciamos com questões relativas à vida em Recife, às diferenças encontradas em relação à Paraíba, perguntas relativas à infância, à vida escolar, ao trabalho, a sonhos. Em um segundo momento, realizamos algumas perguntas mais específicas que continham questões de percepção

das diferenças linguísticas, bem como atitudes do entrevistado em relação a essa diferença.

Para a nossa pesquisa, utilizamos também o estilo de leitura de texto. A construção dos textos deu-se a partir da escolha de palavras que continham o fenômeno a ser pesquisado, a palatalização da fricativa coronal /S/ em posição de coda.

Escolhemos as seguintes palavras, observando o contexto fonológico seguinte (labial, coronal e dorsal) e a tonicidade (pré-tônicas e tônicas):

Quadro 5: Palavras escolhidas para o texto

	Pré-tônicas	Tônica
Labial	Respeito Espada Asfalto Disfarce Esboço	Vespa Asma Mesmo Caspas Fósforo
Coronal	Islâmico Deslize Vislumbrar Israelita Asneira	Asno Cisne
Dorsal	Pescar Cuscuz Esgoto Discurso Mascote	Isca Casca Vesgo Máscara Pesca Faísca

Logo após a escolha das palavras, dois textos foram construídos. Os textos foram apresentados separadamente e lidos duas vezes pelo entrevistado, uma para se familiarizar. Dessa forma, ao ler pela segunda vez, o informante já estava envolvido com o texto, tornando-o mais fluente. Apenas a segunda vez em que o informante lia o texto foi considerada..

O objetivo dos textos era identificar – ou não – a realização do fenômeno em um contexto mais formal, ou monitorado.

3.2 Da análise dos dados

Utilizamos tanto procedimentos quantitativos quanto qualitativos, logo, nossa pesquisa combina a mensuração dos dados com a análise interpretativa.

Para a análise quantitativa dos dados, utilizamos como instrumento o Goldvarb X (SANKOFF; TRAGLIAMONTE e SMITH, 2005). Este instrumento não só possibilita a contabilização dos dados, como também nos informa a relevância estatística das variáveis que influenciam ou não a acomodação.

A análise qualitativa foi uma forma encontrada para a identificação das atitudes dos informantes em relação ao falar paraibano e ao falar recifense. A atitude linguística é de extrema importância para identificar a extensão da acomodação, a percepção e o grau de aceitação.

3.2.1 Dados quantitativos

Nossa pesquisa diz respeito à acomodação da fricativa coronal em posição de coda por paraibanos que residem em Recife. Sabendo que a palatalização é categórica na Paraíba apenas com o contexto fonológico seguinte de dentais [t, d], nesta pesquisa, detivemo-nos aos contextos fonológicos diferentes de [t, d], pois nosso objetivo foi identificar a acomodação da nova realidade linguística, que realiza a forma palatal independente do contexto fonológico seguinte.

3.2.1.1 Variável dependente

Como variável dependente, analisamos a realização da forma palatalizada ou não da fricativa coronal em posição de coda.

Temos:

Quadro 6: Variáveis dependentes

Código	Variantes
0	[s, z]
1	[ʃ, ʒ]

3.2.1.2 Variáveis independentes

Reconhecendo a variável dependente, o pesquisador deve observar os fatores condicionadores. Dessa forma, é possível sistematizar a heterogeneidade da língua. Esses fatores são chamados de variáveis independentes. Estas podem ser linguísticas e não linguísticas. Assim como o contexto linguístico influencia um determinado fenômeno, o contexto social também influencia o uso de uma forma em detrimento da outra.

Iniciamos pelas variáveis independentes sociais, que são: o tempo de exposição ao fenômeno, ou seja, o tempo em que reside em Recife; em seguida, se morou com recifense ou não e, por fim, a frequência das visitas à Paraíba.

De acordo com Pesqueira (2004), o tempo em que reside é um fator linguístico significativo para a acomodação. Marques (2006) afirma que dez anos foi o tempo suficiente para paraibanos acomodarem o dialeto do Rio de Janeiro. Assim, para a variável *tempo de exposição*, distribuimos os informantes em dois grupos: 2 a 3 anos e mais de 10 anos de permanência em Recife. Fizemos esta seleção porque os participantes da pesquisa se adequavam a esse perfil.

Quadro 7: Tempo de exposição

Código	Tempo de exposição
3	2 a 3 anos
9	Mais de 10 anos

Nossa segunda variável independente é “contato diuturno com falantes recifenses”, ou seja, se o informante mora ou não com recifense. Partimos da hipótese de que o contato diário mais intenso com recifenses influenciará efetivamente a acomodação ao novo dialeto. Assim, controlamos como variável independente o fato de o informante morar ou não com recifense.

Quadro 8: Contato diuturno com falantes recifenses

Código	Variável
S	Sim
N	Não

É importante identificarmos a frequência das visitas à Paraíba. Com esta variável, investigamos se a frequência das visitas à Paraíba influencia o retardamento da acomodação. Para isso, separamos em quatro grupos: os que vêm semanalmente, os que vêm quinzenalmente, mensalmente e os que não visitam.

Quadro 9: Frequência das visitas

Código	Variável independente
s	Semanalmente
q	Quinzenalmente
m	Mensalmente
n	Não vem

Partindo para as variáveis independentes linguísticas, selecionamos o estilo, se leitura ou entrevista, o contexto fonológico precedente, o contexto fonológico seguinte e a tonicidade.

O estilo possibilitou a mensuração da assimilação, em um contexto mais formal, a leitura; e em um menos formal, a entrevista. Chacon (2012) mostra que a fala menos monitorada, ou seja, o estilo entrevista, mostrou-se mais favorável à acomodação dialetal. Acreditamos que, em um contexto menos formal (a entrevista), o informante mais desprendido irá acomodar o fenômeno de forma mais significativa.

Quadro 10: Estilo

Código	Estilo
l	Leitura
E	Entrevista

Quanto ao contexto fonológico precedente, dividimos em vogal central, vogais anteriores e vogais posteriores. De acordo com Macedo (2004), independentemente do contexto fonológico precedente, a palatalização é categórica em Recife. No entanto, como na Paraíba este fato está condicionado ao contexto fonológico seguinte, pretendemos com esta variável identificar o contexto fonológico precedente que mais influenciou a acomodação.

Quadro 11: Contexto precedente

Código	Contexto fonológico precedente
A	Vogal central
i	Vogal anterior
u	Vogal posterior

O contexto fonológico seguinte é um fator bastante relevante para a realização da forma palatalizada de fricativa coronal / s/ em posição de coda no estado da Paraíba. É importante ressaltar mais uma vez que, como o nosso objetivo é verificar a ocorrência da acomodação, excluimos os contextos fonológicos seguintes que eram formados pelas dentais [t, d]. Distribuímos essa variável nos seguintes grupos: labial, dorsal, coronal e pausa.

Quadro 12: Contexto fonológico seguinte

Código	Contexto fonológico seguinte
L	Labial
D	Dorsal
C	Coronal
#	Pausa

De acordo com Macedo (2004), a tonicidade é de pouca relevância para a palatalização do fonema estudado, porém, seus estudos apontam que a posição átona é

ligeiramente favorecedora do fenômeno. Dividimos esse grupo em: tônicas, pré-tônicas, pós-tônicas e átonas.

Quadro 13: Tonicidade

Códigos	Tonicidade
t	Tônicas
P	Pré-tônicas
o	Pós-tônicas
a	Átonas

Além das variáveis independentes apresentadas, identificamos cada informante com um código para fazermos o tratamento estatístico de cada um separadamente. Isto possibilitou uma análise centrada no indivíduo, fato que propiciou um estudo qualitativo, permitindo examinar as questões de atitudes linguísticas que influenciam na acomodação.

Depois de codificados, os dados foram analisados estatisticamente pelo pacote de programas Goldvarb X (SANKOFF; TRAGLIAMONTE e SMITH, 2005), este programa possibilitou verificar as ocorrências das variáveis dependentes em relação às variáveis independentes em números percentuais e relativos.

3.2.2 Dados qualitativos

Depois da análise quantitativa, demos um tratamento qualitativo aos dados, examinando as questões de atitude linguísticas que estão ou não influenciando a palatalização.

A análise qualitativa serviu para a identificação das atitudes dos informantes em relação ao falar recifense. A análise da atitude linguística foi importante para identificar a extensão da acomodação, a percepção e o grau de aceitação. Para obtermos esses dados, abordamos questões relativas à percepção das diferenças dialetais, à avaliação (positiva ou negativa), assim como analisamos a percepção da acomodação no seu jeito de falar, além dos fatores que influenciaram essa acomodação. Foram questões

subjetivas que tiveram a finalidade de identificar a atitude do informante em relação à nova realidade linguística.

Esta análise foi feita por tópicos, em que as falas dos participantes foram analisadas individualmente.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DOS DADOS

4. ANÁLISE QUANTITATIVA E QUALITATIVA

Para obtermos as análises quantitativa e qualitativa dos dados, realizamos três rodadas no programa Goldvarb X:

- ❖ A primeira para identificarmos a realização da palatal por informante, dado importante para a análise qualitativa, pois investigamos os fatores subjetivos que estão influenciando ou não a acomodação da palatal.
- ❖ A segunda rodada foi realizada para identificarmos o peso relativo dos informantes que estão acomodando. Nessa rodada, tivemos que excluir os informantes que não realizaram a forma palatal, já que o programa só permite continuar os procedimentos sem a presença de *knockout*².
- ❖ A terceira foi realizada com o objetivo de identificar quais os fatores linguísticos e extralinguísticos estão influenciando a acomodação dialetal, sendo assim, excluimos o fator informante. Esta rodada nos permitiu uma análise quantitativa mais detalhada dos fatores linguísticos e sociais.

4.1 Análise quantitativa

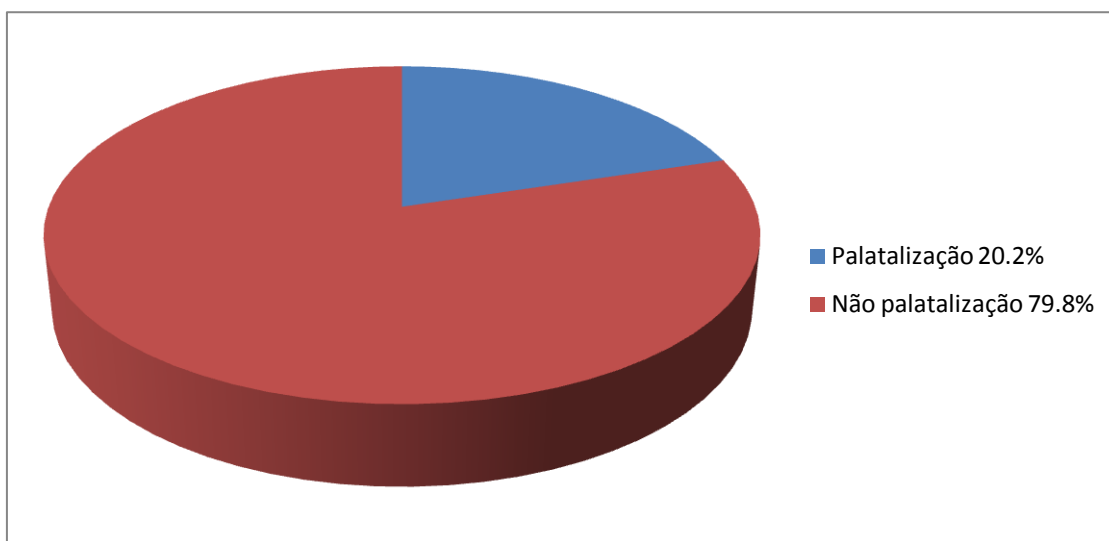
Neste primeiro momento, analisamos os dados da terceira rodada, pois nosso objetivo é identificar quantitativamente os dados. Apresentaremos os resultados com base em índices percentuais e em peso relativo.

Como já foi dito, para a análise quantitativa utilizamos os dados ignorando o fator informante, optamos analisá-los qualitativamente, no segundo momento da análise.

Nesta rodada, obtivemos um total de 1.734 realizações da variável /S/ em posição de coda, a forma palatalizada foi realizada 351 contra 1.383 da não palatalizada.

² Problema analítico no processamento dos dados com o goldvarb, o knockout dar-se quando um dos valores da variável dependente corresponde a uma determinada frequência de 0% ou 100%. Este fato impossibilita o processamento dos dados, uma vez que sendo zero não há variação e o programa não tem como exprimir os pesos e as frequências.

Gráfico 7- Acomodação da palatalização da fricativa coronal /S/ em posição de coda



Como nos revela o gráfico 7, a palatalização no contexto diferente de [t,d], já que neste é recorrente a palatalização na Paraíba e não indicaria acomodação do falar recifense, foi realizada em 20.2% das ocorrências, mostrando, dessa forma, que a fricativa coronal palatalizada está em processo de assimilação por paraibanos que residem em Recife. Mesmo revelando uma tendência forte para a não palatalização, 79.8% dos casos, os informantes mostraram que a convivência em uma nova região influencia a assimilação.

O programa Goldvarb X selecionou na análise cinco das sete variáveis em estudo como relevantes para a assimilação da palatalização. A saber, em ordem crescente de relevância: o tempo de permanência, contato diuturno com falantes recifenses, o contexto fonológico seguinte, o estilo e a frequência das visitas. As variáveis não relevantes para o fenômeno em pauta foram: o contexto fonológico precedente e a tonicidade.

Analizamos os fatores relevantes detalhadamente em ordem de importância.

4.1.1 Variável tempo de exposição

A variável tempo de exposição foi considerada pelo programa como a mais importante, de acordo com os dados ela está influenciando diretamente a acomodação dialetal.

Tabela 2: Tempo e exposição

Fator	Aplicação/Total	%	PR
+ de 10 anos	309/812	37.7%	0.68
2 a 3 anos	45/922	4.9%	0.33

Como podemos observar, os informantes com mais de dez anos residindo em Recife apresentaram um índice de acomodação superior em relação aos que estão apenas há dois ou três anos na região.

Pesquisas como as de Marques (2006), Martins (2008) e Chacon (2012) apontam que o tempo de permanência se apresenta como uma variável social importante para a acomodação de um novo dialeto. Com o percentual de 37% e o peso relativo de 0.68, o tempo de permanência em Recife apresenta-se como condicionador da acomodação.

4.1.2 Contato diuturno com falantes recifenses

A segunda variável mais importante para a realização da acomodação selecionada pelo programa foi “contato diuturno com falantes recifenses”. Acreditávamos que o contato diário com recifense influenciaria a acomodação, hipótese confirmada com a escolha dessa variável pelo programa.

Tabela 3: Contato diuturno com falantes recifenses

Fator	Aplicação/Total	%	PR
Sim	310/847	36.6%	0.67
Não	41/887	4.6%	0.33

A tabela 3 revela que os informantes que moram com recifense apresentam um número superior de acomodação em reação aos que não moram. Estes estão em contato com recifense apenas no ambiente de trabalho ou vizinhança, fato que retarda, ou até mesmo inibe a acomodação. Enquanto aqueles, como estão em contato direto com o

dialeto, tanto em casa como no trabalho, apresentam uma acomodação mais intensa devido à influência direta do dialeto na sua vida.

4.1.3 O contexto fonológico seguinte

Na escala de importância, esta variável foi escolhida como a terceira mais importante pelo programa.

Segundo Macedo (2004), o contexto fonológico seguinte que mais influencia a palatalização da fricativa coronal /S/ em posição de coda é o coronal, apesar de a sua hipótese ser que a palatalização seria categórica em Recife, independente do contexto fonológico seguinte.

Nossos dados revelam que as consoantes labiais lideram as variantes que estão propiciando a palatalização, apesar de existir uma pequena diferença entre ela e a dorsal. Observemos o que a tabela nos revela.

Tabela 4: Contexto fonológico seguinte

Fator	Aplicação/Total	%	PR
Labial	117/516	22.7%	0.61
Dorsal	84/338	24.9%	0.59
Coronal	41/217	18.9%	0.54
Pausa	68/277	24.5%	0.47

Observando a tabela do contexto fonológico seguinte, notamos que, apesar da pouca diferença entre as labiais (peso relativo de 0.61) e dorsais (peso relativo de 0.59), a labial apresenta-se mais presente quando falamos em acomodação do dialeto recifense por paraibanos que estão residindo em Recife.

4.1.4 Estilo

A variante estilo também foi selecionada como fator importante na realização da acomodação do falar recifense. Como esperávamos, o estilo entrevista apresenta um

peso relativo maior, mostrando-se ser um fator condicionante para o fenômeno em pauta.

Tabela 5: Estilo

Fator	Aplicação/Total	%	PR
Entrevista	306/1.466	20.9%	0.53
Leitura	45/268	16.8%	0.33

De acordo com os dados apresentados, observamos que o estilo entrevista apresenta um peso relativo maior, 0.53 contra 0.33 do estilo leitura, mostrando que um estilo menos formal, como é o caso da entrevista, que leva o informante a reproduzir experiências pessoais, seja mais propício à acomodação do novo dialeto. Fato que nos leva a acreditar que, em situação mais casual, no dia a dia, os informantes realizem bem mais a forma palatalizada.

4.1.5 Frequência das visitas

A frequência das visitas e o contato direto com recifense mostraram-se variáveis significativas para o processo de acomodação. Observaremos os resultados da frequência das visitas na tabela 6.

Tabela 6: Frequência das visitas

Fator	Aplicação/total	%	PR
Não vem	157/397	39.5%	0.55
Mensalmente	149/520	28.7%	0.60
Quinzenalmente	45/817	5.5%	0.42

De acordo com os dados da tabela 6, os informantes que visitam a Paraíba mensalmente e os que não o fazem apresentam um índice de acomodação maior

comparado aos que vêm quinzenalmente. Destarte, podemos inferir que quanto maior a frequência da visita, maior será a preservação do dialeto de origem, devido ao contato direto com os conterrâneos, enquanto o pouco contato com pessoas do dialeto de origem propicia a acomodação o novo dialeto, fato que se justifica com os dados observados. Notamos que o peso relativo dos que não visitam a Paraíba apresenta-se menor do que os que vêm mensalmente, fato que não macula a nossa hipótese, devido à proximidade do peso relativo de ambos e à superioridades dos dois em relação aos que vêm quinzenalmente.

4.2 Análise qualitativa dos dados

Para identificarmos os efeitos da acomodação em cada informante, realizamos duas rodadas no programa Goldvarb X. A primeira rodada nos permitiu identificar quais informantes estão assimilando o novo dialeto e quais estão preservando o seu dialeto de origem. Já a segunda rodada nos possibilitou identificar o peso relativo da acomodação em cada informante que apresentou o fenômeno em pauta.

1ª Rodada

A primeira rodada apresentou *knockout* em três informantes, ou seja, em nenhum momento, eles acomodaram o fenômeno. Os informantes 1, 3 e 7 mostraram, durante toda a entrevista, preservação do dialeto de origem.

A tabela 19 apresenta o comportamento de cada informante a respeito da acomodação do dialeto recifense.

Tabela 7: informantes

Informante	Aplicação/ Total	%
Informante 1	0/139	0%
Informante 2	35/288	12.2%
Informante 3	0/244	0%
Informante 4	106/268	39.6%
Informante 5	157/397	39.5%
Informante 6	6/216	2.8%
Informante 7	0/102	0%
Informante 8	4/170	2.3%
Informante 9	149/174	85.6%

Os informantes 1, 3 e 7 não apresentaram acomodação do novo dialeto durante a leitura dos textos nem na entrevista, apesar de que, durante a entrevista, mencionaram que, em alguns momentos, reproduzem o jeito de falar recifense.

Já, Já me peguei falando sem querer, que até inclusive falei, quando a gente tava aqui. Alguma coisa com e[[j]]. Aí eu, falei, foi, e saiu, assim, saiu. Mas eu me policio pra falar os esses corretamente [...]

Informante 1

Eu acho que inevitavelmente você vai pegando, no dia a dia algumas coisas, de repente você se vê falando igual e não percebe, só quando você volta pra aqui que alguém diz: você tá falando igual um recifense.

Informante 3

Mas já me disseram que eu também estou com um pouquinho de chiado de lá, pouquinho [...]

Informante 7

As falas dos informantes a respeito da assimilação demonstram que, no dia a dia, eles acabam reproduzindo a forma de falar recifense, apesar de, na nossa análise quantitativa, não apresentarem este fenômeno.

Este fato revela a importância de uma análise mais subjetiva dos dados, pois, mesmo não apresentando a acomodação durante a entrevista, as falas dos informantes nos permitem inferir que, no cotidiano, eles acabam assimilando o dialeto recifense.

2ª Rodada

Para obtermos o peso relativo dos informantes que acomodaram o novo dialeto, realizamos uma nova rodada, ignorando os informantes 1, 3 e 7, já que o programa não permite continuar análise dos dados com *knockout*.

Os resultados estão na tabela 8.

Tabela 8: Peso relativo dos informantes

Informante	Aplicação/ Total	%	PR
Informante 2	35/288	12.2%	0.32
Informante 4	106/368	39.6%	0.70
Informante 5	157/397	39.5%	0.72
Informante 6	6/216	2.8%	0.09
Informante 8	4/170	2.3%	0.07
Informante 9	149/174	85.6%	0.95

Esses dados nos permitem realizar uma análise qualitativa embasada no comportamento de cada informante em relação à acomodação. Utilizamos a análise das falas dos informantes a respeito do novo dialeto, fato que nos permitiu identificar os motivos que levam ou não o informante abandonar seu dialeto de origem.

De acordo com a Teoria da Acomodação da Comunicação, a atitude linguística tanto pode contribuir para a convergência como para a divergência dialetal. Fernández (1998) afirma que as atitudes são formadas por comportamentos, por condutas que podem ser positivas, de aceitação; ou negativas, de rechaço. Uma atitude positiva por

parte do informante diante de uma nova realidade possibilitará a convergência dialetal, enquanto que a avaliação negativa levará a divergência dialetal. Logo, a atitude linguística é de extrema importância para identificar a extensão da acomodação, a percepção e o grau de aceitação. Para isso, selecionamos partes das entrevistas relacionadas às seguintes questões:

- ❖ Percepção das diferenças linguísticas entre as duas regiões.
- ❖ Avaliação do falar recifense, se positiva ou negativa;
- ❖ Avaliação do falar paraibano.
- ❖ Percepção de preconceito sofrido em relação ao dialeto paraibano em Recife.
- ❖ Percepção da assimilação do falar recifense.
- ❖ Identificação dos fatores que influenciam a assimilação do falar recifense.

Com base nos questionamentos desses tópicos, foi possível traçar uma relação com os dados quantitativos e entender os fatores relativos à atitude linguística que influenciaram ou barraram a acomodação dialetal do segmento palatal em posição de coda com qualquer contextos fonológicos seguinte.

A análise qualitativa dos dados nos permitiu responder a questões relativas à atitude linguística do informante, contribuindo, dessa forma, para a identificação e entendimento dos fatores subjetivos que estão contribuindo para a acomodação do dialeto recifense, ou para a preservação do dialeto de origem.

Analizamos cada informante, observando as questões mencionadas anteriormente.

4.2.1 Análise qualitativa das falas dos participantes

Informante 1

Essa informante, apesar de residir há mais de 10 anos em Recife, ter contato com recifense no trabalho, ter amigos recifenses, não acomodou a forma palatalizada em nenhum momento da entrevista, como vimos na tabela 7. No entanto, podemos observar, em uma análise mais detalhada de sua fala, que, ao ser perguntada se reproduzia o falar recifense, ela confirmou que em alguns momentos quando estava distraída, mas se policiava.

Mesmo assim, o fato nos deixou intrigados, pois acreditávamos que quanto mais tempo em contato com a nova realidade mais o informante acomodaria o novo dialeto durante a entrevista.

Ao analisarmos qualitativamente os dados dessa informante, chegamos à conclusão de que as questões relativas à atitude linguística e avaliação do novo dialeto estão influenciando diretamente a preservação do seu dialeto de origem.

Dessa forma, podemos inferir que as questões subjetivas, como avaliação e atitude linguística, estão influenciando mais do que as questões objetivas, a exemplo do tempo de permanência.

Analisaremos cautelosamente as falas dessa informante.

❖ A percepção das diferenças dialetais

Acreditamos que a percepção das diferenças é o primeiro passo para a adaptação da nova realidade. Sabemos que outros fatores contribuirão, mas perceber as diferenças é essencial. Em relação à percepção das diferenças, a participante 1 responde da seguinte forma:

É sim! Até hoje eu me pergunto, de onde vocês tiraram esse sotaque. Porque é um sotaque misturado, um arrastado misturado com o rebuscado do [j]. E falam i[j]cada, i[j]cola, i[j]cova. Mas eu observo isso quando as pessoas tem menos instrução. Assim, quando tem mais instrução é mais difícil ter[...], Mas eles tem também, sendo que eu percebo menos quando eu converso com os médicos, sei lá, um chefe de algum setor.[...] Principalmente assim, um nível maior, superior, eles tem menos. Quando é do nível intermédio, ou inferior, o pessoal de limpeza, aí eles rebuscam mais nesse sotaque carregado.

Informante 1

Na fala da informante 1, percebemos a diferença que ela atribui ao grau de instrução, ou seja, quanto menor for o grau de instrução, maior será o sotaque, de acordo com a sua avaliação. É perceptível que ela consegue identificar a palatalização da fricativa coronal /s/ em posição de coda no falar recifense. No entanto, não consegue perceber que, em alguns contextos, esse fenômeno também ocorre no dialeto paraibano. O fato de ela demonstrar certo preconceito, possibilita-nos inferirmos que uma das causas de não ter acomodado ao dialeto recifense seja a avaliação negativa, atribuindo a palatalização às classes mais baixas.

Em alguns trechos, ela menciona que se policia para não realizar a fricativa coronal /s/ palatalizada.

Vejamos:

Eu me policio totalmente, com os /s/, principalmente, porque é problema deles, eu não gosto não, eu acho feio.

Informante 1

Ao falar que é problema deles, além de identificar a palatalização do /S/ como um problema, demonstra que não consegue identificar que, em alguns contextos, os paraibanos também realizam a fricativa coronal de forma palatalizada. Chacon (2012) mostra que as atitudes linguísticas possibilitaram observar outro fator interessante, a não percepção da palatalização no falar paraibano, pois, nas suas entrevistas, nenhum informante salientou o fenômeno. Fato confirmado pela fala da nossa entrevistada.

❖ Avaliação da forma de falar dos recifenses

Ah, me incomoda, porque fica feio [...] A gente aprendeu, quando a gente estuda os fonema, que o fonema não é, o [s]? não é o [ʃ] não. E[s]cada num é e[ʃ]cada, não é? Então em português tá errado falar dessa forma. Da mesma forma, me[h]mo, me[ʒ]mo. Então assim, me incomoda porque está errado, e[ʃ]tá, tá vendo oh? Por que e[s]tá errado. Aí, eu me pego falando.

Informante 1

Segundo a informante, a palatalização do /S/ em coda a incomoda, não está certo, está errado, o certo é a forma alveolar. Quando ela percebe que palatalizou no contexto seguinte formado pela dental [t], atribui à influência do falar recifense, mostrando que não consegue identificar a presença da forma palatal no dialeto paraibano.

Ao falar que o falar recifense a incomoda, demonstra uma atitude negativa em relação ao novo dialeto, fato que desfavorece a acomodação dialetal.

Outro fato que merece ser discutido é o contato com as pessoas na Paraíba: a informante telefona todos os dias e visita-as quinzenalmente, passando com elas o final de semana. Os laços paraibanos não foram cortados.

❖ Percepção da assimilação

Já. Já me peguei falando sem querer, que até inclusive falei, quando a gente tava aqui. Alguma coisa com e[ʃ]. Aí eu, falei, foi e saiu assim, saiu. Mas eu me policio pra falar os esses corretamente, e[s]cada, e[s]cola, e[s]cova e não e[ʃ]cada, e[ʃ]cola, e[ʃ]cova, porque por favor, né.

Informante 1

Mesmo se policiando, a informante consegue perceber que, em alguns momentos, reproduz o sotaque recifense. Outro fato que a leva a pensar dessa forma é quando percebe a palatalização antes de [t, d] comum na Paraíba, nesta parte da entrevista ela identifica, mas atribui à influência do falar recifense.

Informante 2

De acordo com os dados, a informante 2 acomodou 35/288, chegando a um percentual de 12.2%. Apesar de não ser um número expressivo, esse dado revela que ela está a caminho de uma acomodação mais efetiva do dialeto recifense, já que está apenas há três anos em Recife.

Identificamos que a informante, apesar de valorizar o seu sotaque de origem, em alguns casos, se pega acomodando o dialeto recifense devido à convivência com recifense, buscando também aceitação.

❖ Percepção das diferenças dialetais

Eu noto mais o sotaque, eles puxam mais o /S/, na verdade eles transformam o /S/ em xiz. Inclusive quando eu cheguei lá, quando eu dava plantão de pediatria, aí o pessoal perguntavam se eu era do interior de lá, nem perguntavam se eu era daqui (Paraíba), perguntavam se eu era do interior de Caruaru. E, eu acho que eles falam mais cantando também. Deixa eu vê o que mais..., eu acho que é basicamente isso. É mais o trocar o [s] pelo [ʃ].

Informante 2

Para a informante, a diferença dialetal é perceptível nitidamente. Ela identifica que a diferença é típica da capital de Pernambuco. Muitas vezes, perguntaram-lhe se era de Caruaru, interior de Pernambuco, mostrando que, no interior, os sotaques paraibanos e pernambucanos são vistos como idênticos. A fala da informante revela que, além da palatalização, é possível identificar a diferença na entoação, pois afirma que os recifenses falam cantando.

❖ Avaliação da forma de falar do recifense

Me incomodava, mas hoje dia não, me acostumei.

Informante 2

Incomodava, mas não incomoda mais. Essa fala demonstra que tinha uma avaliação negativa do falar recifense, mas, com o passar do tempo, foi se acostumando, fato que não demonstra uma avaliação nem positiva, nem negativa.

❖ Avaliação do falar paraibano

Eu acho bonito a forma que a gente fala. Eu acho que é uma linguagem bem clara, assim, não deixa nenhuma muitas dúvidas. Porque esse povo, quando a gente tem contato assim, com pessoas do sul, suldeste, muitas vezes, como eles falam muito enrolado puxando o erre, o [s] se transformando em [ʃ], a gente tem uma dificuldade de entender. Acho que a linguagem é bem clara, eu acho que a linguagem da gente é bem clara.

Informante 2

Em relação à avaliação do falar paraibano, a informante 2 possui uma visão positiva, achando-a clara e de fácil entendimento, comparando-a com os dialetos do sul/sudeste, que, segundo a informante, é difícil de entender devido aos erres e aos [s] que se transformam em [ʃ].

❖ Percepção da acomodação

Não. Eu acho que não. Mas às vezes quando eu tô lá convivendo com eles, às vezes inconscientemente como uma forma de adaptação, eu acho que eu acabo, meio que falando como ele, sabe? Mas quando eu volta pra minha realidade eu perco, então, eu acho que sotaque mesmo eu não peguei não.

Informante 2

Apesar de a informante 2 não perceber a acomodação, fala que, quando está em Recife, inconscientemente, como forma de adaptação, acaba acomodando. Fato que nos mostra que a busca de aceitação contribui para a acomodação. A informante também percebe que, quando volta para a sua realidade, no caso, a Paraíba, ela perde o sotaque de lá, reestabelecendo o dialeto paraibano.

Ao perguntarmos se a convivência influenciava a acomodação do dialeto recifense, a informante fala da busca pela aceitação, eis a resposta da informante:

É, buscando na verdade uma aceitação, sabe.

Informante 2

A necessidade de interação leva a informante a procurar convergir seu sotaque em direção ao sotaque recifense. Para Giles e Coupland (1988), a Teoria da Acomodação da Comunicação prevê que a interação social, com o objetivo de promover a aprovação social, será exercida através da convergência dialetal.

Em relação à informante 2, podemos inferir que ela busca aceitação, o que a leva a convergir o seu dialeto ao encontro do dialeto recifense. Levando-nos a inferir que utilização da acomodação dialetal é desempenhada como estratégia comunicativa que visa à interação entre locutor e receptor.

Informante 3

A informante 3 foi uma das que não acomodou em nenhum momento à palatalização da fricativa coronal /S/ em contextos diferentes de [t] e [d].

Analizamos através de sua fala as possíveis causas que influenciaram a preservação do dialeto de origem.

Importante salientarmos que ela mora com uma paraibana e faz residência no Hospital das Clínicas, em Recife, fato que contribuiu para a sua migração há dois anos. Além do pouco tempo, não conseguiu se identificar com a nova realidade, sempre que possível está em contato com amigos e familiares paraibanos.

Ao analisarmos a entrevista da informante 3, percebemos que a atitude e a avaliação positiva do falar recifense contribuem para a acomodação, mas o tempo de permanência e o contato intenso com recifense são fundamentais para a acomodação.

❖ Percepção das diferenças dialetais

Não, eu acho que o sotaque é bem parecido, mas eles tem alguma diferença em relação ao /S/, da uma chiada no /S/ [...]. E falam muita coisa no diminutivo, nome de todo mundo sempre vai pra o diminutivo: Renatinha, Claudinha, Fernandinha, sempre tem um “inha” no final.

Informante 3

Quando a informante fala do sotaque bem parecido, mostra que identifica algumas semelhanças entre os dois dialetos, no entanto, a palatalização é percebida como o causador das diferenças dialetais. Assim como os outros informantes, ela identifica a palatalização como algo presente apenas em Recife.

❖ Avaliação da forma de falar do recifense

Eu gosto, eu acho muito bonito o sotaque deles, mas eu acho muito bonito o nosso também.

Informante 3

A informante 3 demonstra uma atitude positiva em relação ao dialeto recifense, fato que não anula a avaliação positiva do seu dialeto de origem. A atitude positiva releva uma reação amigável, o que, unido a outros, contribui para a acomodação do novo dialeto, de acordo com Pesqueira (2004). No entanto, inferimos, também, que o

tempo de exposição e a atitude positiva em relação ao seu dialeto de origem contribuíram para a não acomodação, fato comprovado na questão a seguir.

❖ Avaliação do falar paraibanos

Eu acho que o sotaque mais bonito é o nosso. Eu acho. Realmente eu acho.

Informante 3

A informante mostra-se orgulhosa com o seu dialeto de origem. A atitude positiva em relação ao dialeto de origem revela o orgulho de ser paraibana, o que a leva preservá-lo.

Para Uflacker e Scheneider (2008), o sentimento de pertença a um determinado grupo se externa pelo uso da linguagem, pois as representações de nossas crenças e diferentes identidades sociais se expressam, em parte, pelas atitudes linguísticas. Segundo Fernández (1998), as atitudes, positivas ou negativas, se relacionam com a identidade do indivíduo. Mesmo não apresentando avaliação negativa em relação ao falar recifense, a informante 3 demonstra orgulho de pertencer ao seu estado de origem, esse orgulho é manifestado através da preservação do dialeto paraibano. Assim, podemos inferir que, questões identitárias podem ser um dos fatores que conflui para a não acomodação do dialeto recifense.

❖ Percepção da acomodação

Eu acho que inevitavelmente você vai pegando, no dia a dia algumas coisas, de repente você se vê falando igual e não percebe, só quando você volta pra aqui (Paraíba) que alguém diz: você tá falando igual a um recifense. Acho que a gente vai pegando aos pouquinhos.

Informante 3

Em relação à percepção da acomodação do falar recifense, a informante 3 afirma que inevitavelmente acaba reproduzindo-o de forma inconsciente, devido ao contato diário com recifenses. No entanto, só percebe quando está em contato com paraibanos.

Mesmo identificando essa acomodação inevitável, durante a entrevista, ela não demonstrou nenhum indício de acomodação.

❖ Percepção de preconceito

Não. Talvez assim, algumas brincadeiras, mas entendi como se fosse uma brincadeira. Não senti como preconceito não.

(...) a diferença do nosso pra o de Pernambuco é sutil, é uma diferença pequena. Então, não tem muito espaço pra isso também. Tem muita gente que tira brincadeira, mas eu não vejo de fato preconceito de, de me sentir ofendida com isso.

Informante 3

Em relação ao preconceito, a informante 3 não consegue identificá-lo, ela acredita que como a diferença entre os dois dialetos é sutil, não tem espaço para esse sentimento. No entanto, mesmo sutil, a diferença é percebida, fato que podemos observar quando a informante fala nas brincadeiras feitas pelos recifenses em relação ao falar pessoense.

Informante 4

A informante 4 mora em Recife há mais de dez anos. Foi casada com um recifense por 11 anos e tinha uma filha que morreu junto ao pai em um acidente. Estando entre as três informantes que moram há mais de dez anos em Recife e que mais acomodaram, a informante apresentou um percentual bastante significativo, das 268 ocorrências da fricativa coronal em posição de coda, reproduzindo a forma palatalizada 106 vezes, um percentual de 39.6% dos casos. Esses números revelam que há convivência com há presença das duas formas. É importante salientarmos que, quinzenalmente, ela vem à Paraíba para dar plantão em um hospital da capital.

❖ Percepção das diferenças dialetais

Assim, o sotaque. O sotaque é um pouco diferente, é puxando pra o /s/, é puxando para o /s/. Realmente, e eu aprendi isso. Meu irmão, quando eu chego, ele diz: sim chegou shi, shi, shi. Aí eu começo a rir, realmente tem a parte do sotaque. Mas como é nordeste, o que tem lá tem cá.

Informante 4

Ao ser perguntada a respeito da percepção das diferenças entre um Estado e outro, a informante demonstra perceber as diferenças do falar, identificando a palatalização como geradora dessa diferença. Ao mesmo tempo em que percebe a diferença, também identifica que acomodou essa característica linguística. Ao retornar à Paraíba, as pessoas do seu ciclo de amizade percebem essa diferença em seu falar.

❖ Avaliação da forma de falar dos recifenses

É assim, bom, eu acho que é extrovertida, certo. Assim, apesar de ser assim, uma cidade grande, mas as pessoas são muito festeiras. Uma das diferenças do povo de lá e daqui é isso. Agora é que tá começando ficar mais festivas as coisas aqui. João Pessoa em relação à Recife, muitas vezes é cópia, né? Também, então assim, as pessoas de lá são muito festivas.

Informante 4

Ela avalia o dialeto recifense como uma linguagem extrovertida, o que revela uma avaliação positiva. Além de gostar do jeito de falar recifense, também fala do comportamento, avaliando-os como festivos. É perceptível uma avaliação de superioridade dos recifenses em relação à Paraíba, ao revelar que o que tem em João Pessoa, “muitas vezes” é cópia de Recife. Esses fatos são relevantes, pois nos levam a inferir que a avaliação positiva que a informante tem do jeito de ser recifense é um dos fatores que propiciaram a acomodação do dialeto Recifense.

❖ Percepção da acomodação

Com o tempo, com o passar do tempo, eu fui puxando justamente esse /S/. Eu fui puxando esse /S/ sem querer. Porque você vai se entrosando com as pessoas de lá. Então eu fui entrando na dança como se diz, mas eu acho isso bom.

Informante 4

A informante consegue identificar a acomodação, definindo-a como algo espontâneo, causa do entrosamento com as pessoas de lá. Podemos deduzir que o contato diário com os recifenses, de acordo com a informante, propiciou a palatalização.

❖ Percepção de preconceito

Não, não.

[...]

Eles Estranhavam. Você não é daqui não né, eles diziam assim, aí eu dizia, não, não, eu sou da Paraíba, ah da Paraíba, de onde? Então, ficava achando diferente. O jeito de ser e também o jeito de falar.

Informante 4

A informante 4 fala que não sentiu preconceito, no entanto, as pessoas percebiam que ela não era de Recife, estranhavam o seu modo de falar, mas não era um fator que gerasse preconceito.

Como podemos perceber, a informante 4 possui uma visão positiva do jeito de ser recifense, fato que contribui para a convergência de sotaque.

Informante 5

A informante 5 mora em Recife há mais de dez anos, vive com dois filhos que nasceram em Recife e não retorna à Paraíba há muito tempo. Assim que conseguiu se estabilizar em Recife, trouxe sua mãe, que morava na Paraíba, ambas moram no mesmo prédio. Durante a entrevista, a informante realizou 157 vezes a forma palatalizada, um total de 39.5%, chegando a um peso relativo de 0.73, fato que demonstra a acomodação do falar recifense.

Esta informante combina vários fatores que acreditamos serem responsáveis pela acomodação dialetal – ou propiciadores dela. A seguir, durante a análise detalhada de sua fala, constataremos que o tempo de permanência, a convivência, a avaliação positiva, assim como a baixa frequência nas visitas à terra natal contribuirão para a acomodação. No entanto, acreditamos que a convivência com outros paraibanos e o orgulho de pertencer a esse povo levam-na a preservar traços do dialeto de origem, mesmo acomodando, em muitos momentos da entrevista, o falar recifense.

❖ Percepção das diferenças dialetais

A gente sente sim, sempre, inclusive, eles me falam que eu ainda falo igual a um Paraíba. Eles dizem que eu falo muito arrastado: aí Paraíba (eles falam). Então, eu sinto, eu sinto muita diferença na, no sotaque, algumas expressões mesmo regionais que a gente sente aquela coisa, eu, e sinto diferença. Assim como eles também notam a diferença, eu cheguei na fábrica, que muita gente não me conhecia em Bezerros, e o pessoal da produção dizia, dona Mônica, a senhora é de onde? Eu dizia, por quê? Porque a senhora, eu acho que a senhora não é pernambucana não a senhora tem um, a senhora é do Ceará. Não, eu sou paraibana.

Informante 5

Notamos que a informante percebe a diferença entre os sotaques, assim também como os recifenses percebem a sua diferença ao falar. Essa fala é muito importante, pois revela que, apesar de a informante ter acomodado em alguns momentos a forma palatalizada, ainda preserva a forma alveolar, comum na Paraíba. Logo, podemos inferir que existe um processo de acomodação parcial. Importante salientarmos o orgulho que a informante sente por ser paraibana. Ao ser indagada se era do Ceará, responde com muita ênfase: *não, eu sou paraibana*.

❖ Avaliação da forma de falar dos recifenses

Eu gosto. Eu gosto sim, eu já me acostumei. No início eu sentia mais, eu dizia, aí que jeito feio de falar. As meninas daqui falava arretado, arretado, eu tinha raiva dessa palavra arretado, que minha filha a primeira vez que disse, eu disse, se você disser isso de novo dentro de casa, ela era desse tamaninho, você vai apanhar. Você não pode falar essa palavra arretada que é muito feia. Então, eu sentia isso aí, depois a gente vai se acostumando, eu não acho não, não acho feio não, acho legal até. Acho normal.

Informante 5

Em relação à avaliação do sotaque recifense, a informante afirma que gosta, que já se acostumou, mas achava feio, não gostava. É importante percebermos que ela afirma que se acostumou. As gírias incomodavam-na, tanto que, quando sua filha as reproduzia, ela a repreendia. Agora acha até “*legal, gosta, acha normal*”. Uma avaliação positiva é muito importante para que o informante tente convergir o seu modo de falar ao novo sotaque. Em um primeiro momento, sua avaliação em relação ao falar recifense mostrava-se negativa, mas, com o passar dos anos, adquiriu uma nova visão: agora enxerga de forma positiva, afirma que acabou se acostumando.

❖ Percepção da acomodação

Em relação à percepção da acomodação do falar recifense, a informante responde:

Assimilei muita coisa já, muita. Assimilei, hoje eu não interpreto mais como eu interpretava antes algumas expressões idiomáticas dos pernambucanos, eu não interpreto mal. Até falo igual, às vezes tô falando igual, igual, igual.

Informante 5

A informante percebe que assimilou o jeito recifense de falar. Como vimos anteriormente, antes, ela interpretava de forma negativa o jeito de falar recifense, mas, com o passar dos anos, se acostumou e, muitas vezes, percebe-se falando de modo igual.

❖ Percepção de preconceito

Senti, demais. Muito, muito. Olha, no colégio Radier, porque eu nunca fui de me incomodar, tudo meu eu levo na brincadeira, até hoje, tudo meu eu levo tudo na brincadeira, porque a gente tem que fazer isso pra saber, né, aí no colégio Radier, aquelas turmas com sessenta alunos, setenta, eu vinha do colégio estadual de Patos, com trinta alunos, vem pra um de cento e não sei quanto, imagina. E aí o professor, eu achava chique demais o professor falando no microfone pra poder a gente escutar, tanta gente que tinha na sala. E aí descobriram que eu era de Patos da Paraíba, quando foi um dia, um professor de Bonito, era um professor de Português, e falou assim, gente, você sabiam que aqui tem uma paraibana? E é de Patos da Paraíba, oh! Paraíba levante aí pra gente lhe vê. E ele falou bem arrastado, oh! Paraíba, levante aí pra o povo lhe vê. Aí eu disse, mas com muita honra, subi até na cadeira, falei com eles, ficou todo mundo rindo de mim, porque eu era paraibana. Tudo que eu falava eles riam. Porque diziam que eu falava muito arrastado, ma[s] terminou que foi pouco tempo, durou pouco. Depois a gente começou a, a ficar todo mundo amigo, e tudo eu levava na brincadeira mesmo e não me incomodava não, isso não. E também nunca disse que não era, eu, onde eu chego eu digo, eu sou de Patos da Paraíba, eu não vou negar as minhas origens nunca, né. Não tenho nenhum problema quanto a isso.

Informante 5

A informante 5 chegou a Recife ainda menina e sentiu muito preconceito, principalmente na escola, mas tinha muito orgulho de ser paraibana.

Em outro ponto da entrevista, a informante fala do respeito que tem pelo lugar, acredita que esse respeito faz com que ela acomode o jeito de falar recifense. Outro motivo é a busca por um entrosamento com as pessoas de lá.

Bom, eu acho que eu falei aqui, eu não sei, eu tenho muito respeito por esse lugar que eu me sinto bem e to até hoje, Daí eu me sinto tão a vontade que eu acabo assimilando as coisas daqui. Eu gosto demais da terra, eu acho que esse foi um dos motivos, o outro motivo talvez até pra, pra gente conseguir se dá melhor com as pessoas aqui., então, a gente tem que, pronto, essa questão que eu falei, respeito, a gente tem respeito pela pessoa, tentar entender a pessoa e de repente a gente tá falando igual a pessoa assimilando as coisas.

Informante 5

Informante 6

O informante 6 apresentou uma acomodação insignificante com um peso relativo de 0.10. Está em Recife há três anos, visita quinzenalmente a Paraíba. Além de se encontrar com amigos paraibanos, tem uma namorada paraibana. A não acomodação do informante é justificada, já que trabalha em um ambiente em que não trabalham recifenses, todos os seus amigos de trabalho são de outros Estados. Em Recife, também tem contato com amigos que não são recifenses. Apesar de morar em Recife, se relaciona mais efetivamente com pessoas que não são de Recife.

Acreditamos que, além do curto tempo em que reside em Recife, o fato de ter pouco contato com recifenses está contribuindo para a preservação do falar de origem. A percepção que o informante tem dos recifenses também não é muito amigável, o que impede um contato maior, impossibilitando a interação efetiva entre ambos.

O povo recifense é estranho e fechado, por exemplo, eu to lá há três anos e tava discutindo com um colega meu, e ele me fez uma pergunta: Hugo, você já foi na casa de um recifense? Aí eu parei assim pra pensar e: Não. Eu nunca fui na casa de um recifense. Aí ele: pois é, eu também nunca fui na casa de um recifense, mas o recifense já foi na minha casa.

[...]

Mas eu já fui na casa de um recifense em três anos, mas a maioria das pessoas que eu conheço lá não são recifense, ou são de Pernambuco (interior) ou são de outros estado. [...] de Recife, Recife mesmo, muito pouco.

Informante 6

A fala do informante 6 em relação ao povo recifense deixa bem clara a avaliação não amigável dos recifenses, além de mostrar a falta de um contato mais expressivo, já que o informante trabalha e tem muitos amigos que não são recifenses e que estão presentes no seu dia a dia.

❖ Percepção das diferenças dialetais

Como eles falam, aí é que tá, tem vários sotaques, os recifenses. Tem um conjunto de recifense que fala praticamente igual ao jeito do paraibano falar, as mesmas gírias e tudo. Tem o, [ʃ]kim, , [ʃ]kol, , doi[ʃ], trê[ʃ], , i[ʃ]querda , i[ʃ]querda, fora esses tem uns mais abstratos, que o cara não consegue nem definir, mas os mais marcantes, eu acho que são esses dois.

Informante 6

Percebemos que o informante 6 consegue identificar a diferença do sotaque, no entanto, ele afirma que são vários os jeitos de falar, mas o mais marcante é a palatalização da fricativa coronal /S/ em posição de coda. Ele afirma que não é tão diferente da Paraíba, mas, como podemos ver, identifica o fenômeno estudado como a diferença mais perceptível.

❖ Avaliação da forma de falar do recifense

Não, sotaque é sotaque, não tem muito disso de sotaque feio, sotaque é sotaque, é diferente.

[...]

Não, não, acho que é porque eu sou acostumado a isso, faz três anos que eu tô num lugar que cada pessoa fala com um sotaque diferente, aí eu, eu abstraí esse negócio.

Informante 6

Em relação à avaliação do sotaque recifense, o informante 6 não demonstra avaliação negativa, consegue identificar a diferença, mas não apresenta nenhuma avaliação a respeito. Além disso, afirma que já se acostumou com a diferença de sotaques.

❖ Avaliação do falar paraibano

Eu falando e ouvindo eu acho que eu falo normal, mas eu confesso que quando eu escuto gravado eu acho estranho, mas eu acho estranho muitos outros sotaques. Acho que todo sotaque, quando ele é muito pesado ele fica muito estranho.

Informante 6

O informante não percebe nenhuma diferença em seu sotaque na fala do dia a dia. No entanto, afirma que, ao gravar a sua voz, acha estranho, pois, para ele, todo sotaque carregado é estranho. Logo, sua avaliação em relação ao falar paraibano é carregado, estranho. Acreditamos que carregado seja forte, com uma entoação marcante.

❖ Percepção da acomodação

Jamais.

Informante 6

O informante não identifica mudança no seu falar, fato comprovado pelos dados quantitativos, que, apesar de revelar a realização da fricativa coronal /S/ em posição de coda palatalizada em alguns momentos, não é um dado expressivo.

Acreditamos que um dos fatores que esteja corroborando para a manutenção do dialeto paraibano seja a convivência com paraibanos, já que ele visita a Paraíba constantemente, além de trabalhar e conviver com várias pessoas que não são recifenses, como dito anteriormente.

Vejamos essa fala que justifica esta hipótese.

Não é estressante não. É divertido. É divertido, e , uma característica de lá é que noventa por cento das pessoas do meu trabalho não são de Pernambuco, são de outros estados, vai vê isso influenciou também o fato de eu conhecer poucas pessoas de Recife, porque assim que você chega lá as primeiras pessoas que você conhece são as pessoas do trabalho, e o pessoal do trabalho era todo mundo de fora.

Informante 6

❖ Percepção de preconceito

Não, lá em Recife ninguém nunca olhou assim. Quando você sai pra outros lugares, outros estados é a coisa mais comum do mundo, você abre a boca e o cara fala: de onde tu é? Tu é do nordeste, não é? Mas lá, ninguém consegue detectar a diferença não.

Informante 6

O informante não consegue identificar preconceito existente em relação ao seu modo de falar. Ele atribui a proximidade das regiões, afirma que ninguém consegue detectar as diferenças.

Informante 7

A informante 7, apesar de morar há mais de 10 anos em Recife, não acomodou em nenhum momento, justificado pelo fato de sempre estar em contato com a família na Paraíba. Seu marido não é recifense, mas tiveram uma filha que nasceu em Recife. Quando vem à Paraíba, costuma passar o final de semana todo. Define-se como uma pessoa de poucas amizades, não tem muito contato com vizinhos.

Abordaremos as questões relativas à percepção e à avaliação.

❖ Percepção das diferenças dialetais

Consigo.

O sotaque é totalmente diferente, o sotaque é totalmente diferente de lá. Lá é mais chiado, aqui (Paraíba) não, aqui é mais arrastado.

(...)

Mas eu vou dizer uma coisa, eu não sinto muita diferença não, viu. É uma besteirinha. É só por causa do chiado

Informante 7

É importante ressaltar que a participante está na Paraíba na casa de seus familiares, os quais visita sempre. Como podemos perceber, a informante identifica a diferença fazendo uma comparação com o sotaque da Paraíba, referindo-se ao sotaque arrastado. Ela identifica a diferença através do chiado, ou seja, a palatalização da fricativa /S/ em posição de coda.

❖ Avaliação da forma de falar dos recifense

Percebendo a diferença, a informante 7 expressa a sua opinião a respeito dos sotaques.

O de lá (Recife) é melhorzinho, não é nem bonito, é melhorzinho do que o daqui (Paraíba).

Informante 7

Mesmo não gostando muito do falar recifense, a informante revela achá-lo melhor que o da Paraíba, demonstrando uma atitude negativa em relação ao falar paraibano. No entanto, essa atitude negativa não foi suficiente para a informante acomodar o falar recifense, devido ao fato de ser introvertida, o que dificulta o contato maior com os recifenses. Apesar de estar há mais de dez anos em Recife, essa participante não tem muitos amigos recifenses, nem mantém muito contato com vizinhos. Um dos fatores que levam à convergência de sotaque é à busca pela interação comunicativa.

❖ **Avaliação do falar paraibanos**

Eu acho o sotaque daqui feio, acho estranho.

Informante 7

Como vimos antes, a avaliação do falar paraibano por parte dessa informante revela-se negativa. Apesar de ter uma avaliação negativa, pois considera o sotaque da Paraíba estranho, ela não se acomodou ao sotaque de Recife. Talvez pelo fato de ser bastante reservada, mantendo pouco contato com vizinhos e pelo fato de ter poucos amigos recifenses. Segundo Coupland e Giles (1988), a acomodação dialetal é uma forma de alcançar a interação do indivíduo que busca a aprovação social. A busca pela interação é muito importante para a acomodação linguística, o informante quer ser aceito, entendido, logo, utiliza estratégias comunicativas que aproximam a sua linguagem à do receptor. A informante se considera introvertida, pois não tem facilidade de se relacionar com pessoas, a busca pela aceitação e interação comunicativa não faz muito parte da sua realidade.

Com isso, podemos inferir que questões comportamentais também estão diretamente ligadas à acomodação.

❖ Percepção da acomodação

Mas já me disseram que eu também tô com um pouquinho de chiado de lá, pouquinho, mas tô.

Informante 7

A informante afirma que algumas pessoas conseguem identificar o “chiado” na sua fala, apesar de, em nenhum momento, reproduzir a palatalização da fricativa coronal /s/ em posição de coda, sem que o contexto fosse [t,d]. Podemos atribuir à ausência da acomodação à situação de entrevista, já que, apesar de todos os recursos utilizados pelo entrevistador, não estava totalmente desprendida do estilo formal.

❖ Percepção de preconceito

Não, não, só assim, o pessoal vai tirando onda, mas isso é besteira, a gente vai levando.

Informante 7

A informante 7 afirma que não identifica preconceito, no entanto, afirma que, se falam alguma coisa, é de forma descontraída, “tirando onda”. Ela não enxerga como preconceito, mas sim como brincadeira.

Informante 8

O informante 8, há três anos morando em Recife, como esperávamos, apresentou um índice muito baixo de acomodação. Este informante é filho de recifenses que estão há 30 anos na Paraíba. Ele acredita que reproduz a forma de falar do recifense, no entanto, como nos mostra os dados, em relação à palatalização da fricativa coronal /S/, o informante acomodou pouquíssimas vezes. Durante a análise da fala do informante, poderemos constatar este fato.

❖ Percepção das diferenças dialetais

Demais, muito, muito mesmo. Assim, eu já via isso desde pequeno, entendeu. Eu também carreguei um pouco isso na minha fala, desde pequeno, porque? Porque meus pais, minha mãe, minha mãe até hoje ela fala um chiado, entendeu? Principalmente nos /S/, entendeu. Então lá principalmente, depois que eu comecei a conviver com o pessoal de lá, você vê quão forte é, e o fato de eu ir e vir toda semana eu via, quando eu chegava aqui, às vezes eu chegava chiando, aí o pessoal dizia, tu tá chiando um pouquinho, mas eu já chiava mesmo da minha família, que todo mundo é de lá. Então existe muito esse arrastado de lá, muito diferente daqui.

[...]

Tanto chiado, quanto palavras específicas que lá tem e aqui não tem, até significados que eu não lembro, a mesma palavra totalmente diferente.

Informante 8

O informante 8 tanto percebe a diferença nos falares, como também acredita reproduzi-la. Neste trecho da entrevista, ele se justifica, dizendo que já apresentava o sotaque de Recife devido ao parentesco dos pais. No entanto, este fato não é comprovado durante a entrevista.

Ao falar em palavras específicas, o informante volta-se para o léxico. Em sua pesquisa, Pesqueira (2004) confirma que os itens lexicais são assimilados mais rapidamente que os itens fonéticos. O informante afirma que reproduz palavras usadas especificamente em Recife, fato que comprova, mais uma vez, o princípio da aquisição de dialeto, de Chambers (1992, apud PESQUEIRA, 2004, p15).

Mesmo não apresentando a acomodação durante a entrevista, acreditamos, respaldados na fala do informante, que, no cotidiano, ele reproduz não só a palatalização, mas também palavras do léxico usadas especificamente pelos recifenses.

❖ Avaliação da forma de falar dos recifenses

Eu acho bonito. Eu acho interessante, dá uma autenticidade ao pessoal de lá, é o que eu mais gosto de lá.

[...]

Então eu acho interessante porque dá uma autenticidade, uma pessoa de lá fala, você já sabe, pernambucano, dois, três, já vai, associa logo a isso. Então, eles tem um, vou dizer assim, um patriotismo.

[..]

Então, onde eles vão, eles estão lá, sou pernambucano, não quero saber não, e acabou.

Informante

A avaliação do falar recifense do informante 8 apresenta-se positiva, ele acredita que aquela forma de falar dá autenticidade ao pernambucano. O orgulho do povo de ser pernambucano o encanta.

❖ Avaliação do falar paraibano

Eu comecei a perceber depois que eu tava lá, entendeu? O jeito que eu falava, o jeito que as pessoas daqui falavam, a gente fala muito oxe, que lá eles não falam muito oxe, a gente fala muito oxe. A gente fala muito errado, a gente não fala a gente, fala [arrente]. A gente só nota isso quando tá fora, eu digo arrente, eu falo arrente, mermo, entendeu, feito carioca: fala mermo. Você vai falando e não percebe, no dia a dia você vai conversando, quando você chega fora, você vira até motivos de chacota da pessoas.

[...]

Então assim, o sotaque da gente é totalmente diferente, apesar de tá tão perto, é totalmente diferente. Mas eu não acho que na Paraíba tenha um sotaque diferente, alguém falou: é da Paraíba. É meio que, que, cada um tem um sotaque diferente.

Informante 8

Em relação ao sotaque paraibano, o informante 8 não possui uma avaliação positiva, ele atribui valores depreciativos, como forma de falar “errado”, que só se percebe quando estamos fora. Ele não acredita que o paraibano apresenta um sotaque distinto, assim como em Recife. Em outro trecho da entrevista, afirma que paraibano fala com o sotaque nordestino, diferente de Recife, que possui uma marca própria.

É nordestino. Agora assim, o pernambucano falou você diz assim: é pernambucano. Não tem como o cara dizer: é paraibano, não tem. Não sei se é porque eu estou inserido aqui, não vejo essa diferença de sotaque.

Informante 8

Podemos inferir, a partir da fala do informante, que, de acordo com sua percepção, não há como diferenciar o paraibano dos outros nordestinos, fato que revela uma visão não muito positiva, já que demonstra uma falta de autenticidade. Diferente de Recife, que carrega uma marca peculiar na sua forma de falar.

❖ Percepção da acomodação

Sim, palavras que eu não usava, eu comecei a usar, eu já conhecia, mas pelo fato das pessoas aqui, em João Pessoa, não usarem, entende, eu não usava.

[...]

Então eu já sabia aquelas palavras, já usava tudinho, mas aí você convivendo todo dia acaba utilizando aquelas palavras, então quando eu chegava em João Pessoa eu utiliza aquelas palavras, todo mundo achava estranho, influenciou bastante.

Informante 8

O informante percebe a acomodação do falar recifense em palavras do cotidiano, palavras que ele já usava devido à influência dos familiares, mas que acabou abandonando-as por causa da convivência com os paraibanos. No entanto, como se encontra em contato diário com recifenses, voltou a usá-las. Ele afirma que, quando retorna à Paraíba, as pessoas estranham sua forma de falar, sendo até motivo de chacota.

Quando eu voltava o pessoal: mas rapaz, passa dois dias em Pernambuco quando volta já volta chiando, já volta falando palavras diferentes.

Informante 8

❖ Percepção de preconceito

Não, eu não considero preconceito, eu não tão radical a esse ponto, mas fui motivo de chacota várias vezes, assim como chacoteei os pernambucanos. O pessoal nota bastante a diferença.

Informante 8

O informante não considera preconceito, mas existe a percepção das diferenças em relação à forma de falar, fato que contribui para brincadeiras.

Informante 9

Podemos afirmar que a informante 9 foi a informante que mais assimilou o sotaque recifense, de 174 palavras com a fricativa coronal em posição de coda que ela falou, 149 dessas foram realizadas de forma palatalizada, dando um percentual de 85% dos casos. Além do tempo de permanência em Recife, dez anos, acreditamos que um dos fatores que contribuiu para esta acomodação expressiva foi a necessidade de adaptar-se ao novo ambiente.

❖ Percepção das diferenças dialetais

Já tô com o sotaque Pernambucano, não tô mais Paraíba, né? Não tenho mais sotaque paraibano, infelizmente.

Informante 9

A informante 9, assim como o 8, percebe a diferença e identifica a acomodação dialetal no seu jeito de falar. Mas, diferente do informante 8, ela reproduziu 85% a palatalização durante a entrevista. Mesmo mostrando-se bastante triste, pois acredita não ter mais o sotaque paraibano, a informante sentiu a necessidade de adaptar-se ao modo de falar recifense. Podemos perceber que a busca pela aceitação influenciou a acomodação.

É porque as meninas ficavam falando, ah, é Paraíba. Eu disse, não, vou aprender o sotaque de lá, acabei assimilando o sotaque. O sotaque é diferente.

Informante 9

❖ Avaliação da forma de falar dos recifenses

Eu acho bonito o da Paraíba, né? Eu sou da Paraíba, eu sou morro e mato pela Paraíba. Acho bonito o paraibano. Agora eles têm umas palavras bonitas, mas o sotaque em si eu não acho bonito não.

Informante 9

De acordo com a fala da informante 9, ela prefere o falar da Paraíba, mostrando um orgulho de ser paraibana, até acha umas palavras bonitas no falar recifense, mas o sotaque (acreditamos que o sotaque referido aqui é a palatalização) não acha bonito.

A fala da informante contradiz, de certa forma, os dados apresentados, já que acreditávamos que uma boa avaliação influenciaria a acomodação, enquanto uma avaliação negativa faria o informante preservar o seu sotaque. Como a informante avaliou negativamente o falar recifense, esperava-se a não acomodação. No entanto, a necessidade de interação, a busca pela aceitação mostrou-se grande influenciadora dessa acomodação.

❖ Percepção da acomodação

Já tô com o sotaque Pernambucano, não tô mais Paraíba.

Informante 9

Resgatando o que já foi dito, a informante 9 identifica a acomodação e atribui a necessidade de se relacionar com as outras meninas do seu âmbito profissional.

❖ Percepção de preconceito

Senti. Muita gente dizia: fala direito menina. Porque tu não aprende falar. Tá errado. Eu dizia: não tá errado, é minha fala. Eu sou paraibana, eu não sou Pernambucana. Eu levei um tempo pra me adaptar, acho que uns cinco anos.

Informante 9

A informante afirma que passou por situação de preconceito, mas, com o tempo, ela conseguiu se adaptar. Assim, podemos inferir que a informante 9, buscando a aceitação, adaptou-se ao falar recifense, reproduzindo-o, fato que gerou a acomodação dialetal, levando-a a abandonar o seu dialeto de origem.

As análises das falas dos informantes possibilitaram um olhar individualizado dos informantes, fato que nos permitiu inferir hipóteses a respeito da acomodação e da preservação dos dialetos recifense e paraibano respectivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que a fricativa coronal /S/ em posição de coda apresenta-se de forma bastante variável, a depender da região. Focando nosso estudo na sua realização nas cidades de Recife e João Pessoa, percebemos que se comporta distintamente nessas regiões, apesar da proximidade geográfica. Na capital de Pernambuco, existe uma preferência pela forma palatalizada, independentemente do contexto fonológico seguinte, enquanto que, na capital da Paraíba, a forma alveolar é a preferência. No entanto, a forma palatalizada também pode ocorrer, sob a condição de o contexto fonológico seguinte ser as dentais [t,d]. De posse desses dados, buscamos identificar se paraibanos que residem há, no mínimo, dois anos em Recife acomodaram a palatalização da fricativa coronal /s/ em posição de coda.

Tendo optado por analisar os dados quantitativamente e qualitativamente, constatamos que ambas as análises são indispensáveis para uma interpretação mais confiável dos dados. A análise quantitativa possibilitou identificar estatisticamente os fatores que estão contribuindo para a acomodação, enquanto a análise qualitativa possibilitou a interpretação dos dados subjetivos que contribuíram para a acomodação do novo dialeto ou a preservação do dialeto de origem.

Quantitativamente, os fatores que estão contribuindo para a acomodação são, em ordem crescente de significância: o tempo de permanência, contato diuturno com recifense, o contexto fonológico seguinte, o estilo e a frequência das visitas. As variáveis não relevantes para o fenômeno em pauta foram: o contexto fonológico precedente e a tonicidade.

Durante a análise quantitativa, constatamos que o tempo de permanência mostrou-se como a primeira variável, em grau de significância, que mais contribuiu para a acomodação do dialeto recifense. Os informantes com mais de dez anos residindo em Recife mostraram-se bastante receptivos ao novo dialeto. Entretanto, percebemos, com a análise qualitativa dos dados, que o tempo de permanência deve estar ligado à convivência do informante com os recifenses, já que uma das informantes, mesmo tendo mais de dez anos, não se acomodou ao dialeto recifense, devido ao seu modo introspectivo de ser, definido pela própria. Logo, o contato comunicativo, a busca por interação propiciará a acomodação, enquanto a ausência dessa busca impede a acomodação.

Percebemos também que a avaliação positiva em relação ao dialeto recifense contribuiu para os informantes que estão há mais de 10 anos convergirem seu falar ao falar recifense, ao passo que a avaliação negativa levou à preservação do dialeto de origem de uma das informante, que reside em Recife há mais 10 anos.

Percebemos que os informantes que residem em Recife há 2 ou 3 anos não apresentaram valores significativos de acomodação, mas, em alguns casos, nota-se que eles estão caminhando para a acomodação. A busca por aceitação diante da nova realidade foi um dos fatores mencionados pelos informantes, a exemplo da informante 2, assim como o contato direto com recifenses também contribui para a acomodação, segundo a informante 3.

O contato diuturno com recifense mostrou-se bastante relevante. Os informantes que convivem com pessoas de Recife foram mais suscetíveis à acomodação – assim, acreditamos que o contato diário, não só no trabalho, ou vizinhança, mas dentro de casa, estimula a convergência de dialetos. De acordo com os dados, os informantes que não moram com recifenses apresentam níveis de acomodação menores que os que moram. Tanto os informantes com menos de dez anos como os informantes com mais de dez que não moram com recifenses apresentaram índices de acomodação insignificantes.

O estilo que mais contribuiu para a acomodação, como esperávamos, foi a entrevista, mostrando que, em um contexto menos formal, o informante é mais suscetível à acomodação. Esse dado nos permite inferir que, em um contexto mais próximo do cotidiano, os informantes poderão, por ventura, apresentar um índice maior de acomodação. Perguntados a respeito da percepção da acomodação do falar recifense, mesmo os informantes que não acomodaram durante a entrevista, revelaram que, no cotidiano, é inevitável não reproduzir o dialeto recifense. Acreditamos que uma análise mais aprofundada dos informantes, como o contato diário, poderia apresentar dados mais expressivos em relação à acomodação, já que, mesmo em um contexto descontraído, a entrevista apresenta-se como um estilo formal.

A frequência das visitas à Paraíba mostrou-se influenciadora da acomodação, pois os informantes que mais visitam os parentes e amigos na Paraíba mostram-se mais conservadores em relação ao dialeto de origem.

É importante ressaltarmos a importância de fatores subjetivos, cada informante mostrou-se singularmente diante da nova realidade. Durante nossa pesquisa, observamos que a avaliação do novo dialeto influencia diretamente a acomodação

dialetal. Como vimos com a informante 1 com características propícias para a acomodação, como o ano de permanência, não acomodou em nenhum momento,. Assim como a informante 7 que, por dificuldade de adaptação, devido ao seu jeito introspectivo, também não apresentou, durante a entrevista, indícios de acomodação.

Nesta pesquisa, buscamos analisar o comportamento linguístico de paraibanos em uma realidade diferente da sua, constatamos que vários fatores são responsáveis pela convergência ou divergência de sotaques, tanto fatores estruturais como fatores próprios da subjetividade dos sujeitos atuam diretamente nesses processos. Vimos que, entre esses fatores, a avaliação linguística apresenta-se estimulando ou inibindo o processo de acomodação. Acreditamos que, mesmo com algumas lacunas, foi possível identificar os efeitos da avaliação linguística dos informantes em relação à nova realidade linguística em que estão inseridos. Percebemos que a avaliação positiva pode influenciar a acomodação linguística, assim como a avaliação negativa pode levá-los à preservação do seu dialeto de origem, como forma de distanciamento.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS:

ALKMIM, Tânia Maria. *Sociolinguística: parte I*. In: MUSSALIM, Fernanda; Bentes (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2005.

CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne. 1994. *A variação de /s, r/ em posição final de sílaba e os dialetos brasileiro*. [S.1.: s.n], 1994. Mimeo.

_____, *Processo(s) de Enfraquecimento Consonantal no Falar Português do Brasil*. In: ABAURRE, M. B.M; Rodrigues. A. C. S.(orgs). *Gramática do Português Falado*. v. VIII. Campinas: UNICAMP. 2002

_____, MORAES, João Antônio de. *A norma de pronúncia do S e R pós-vocálicos: distribuição por áreas regionais*. In: *Diversidade lingüística e ensino*,1995.

CHACON, Karoline de Albuquerque. *Contato dialetal: análise do falar paulista em João Pessoa*. Dissertação (Mestrado em Linguística) João Pessoa: UFPB, 2012. 114p.

CHAGAS, Paulo. *A mudança linguística*. In: FIORIN, José Luiz (orgs.). *Introdução à Linguística: I objetos teóricos*. Coleção todas as letras: 7. 5ª ed. São Paulo: Contexto. 2008.

CHOMSKY, Noam. *Syntactic Structures*. Haia: Mouton, 1957.

COUPLAND, Nicolas; GILES, Howard. *Introduction the communicative contexts of accommodation*. *Language e Communication*, vol. 8.p.175-182, 1988.

ECKERT, Penelope. *Linguistic Variation as Social Practice: the linguistic construction of identity in Belten High*. Oxford: Blackwell, 2000.

FASOULD, R. *The sociolinguistics of society*. Cambridge and Oxford: Blackwell Publishers, 1984.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. *Principios de Sociolingüística y Sociología del Lenguaje*. Barcelona: Ariel Lingüística, 1998.

GILES, Howard. Accent mobility: a model and some data. *Anthropological Linguistics*, 15, p. 87-105. 1973.

-----; COUPLAND, Justine; COUPLAND, Howard. *Accommodation theory: communication, context and consequence*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

-----; COUPLAND, Justine; COUPLAND, Howard. (Eds.) *Contexts of accommodation: developments in Applied Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

-----; RYAN, Ellen Bouchard; SEBASTIAN, Richard J. An integrative perspective for the study of attitudes toward language variation. In: GILES, Howard; RYAN, Ellen Bouchard (Ed.). *Attitudes towards language variation: social and applied context*. London: Edward Arnold, 1982.

HORA, Dermeval da. *Fricativas coronais: análise variacionista*. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Org.). *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: Letras, 2003.

-----; PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro. *Reanálise da sonsoante em final de palavras: coda ou ataque de núcleo vazio?* In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Org.). *Português brasileiro II: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: Letras, 2008.

HYMES, Dell. *Foundations in Sociolinguistics: an ethnographic approach*. London: Travistock Publications Limited, 1977.

LABOV, W. *Modelos sociolingüísticos*. Madri: Cátedra, 1983 [1972].

_____. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno; M^a Marta Pereira Scherre & Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

MACEDO, Sandra Siqueira. *A Palatalização do /s/ em Coda Silábica no Falar Culto Recifense*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Recife: UFPE, 2004. 100 p.

MARQUES, Sandra Maria Oliveira. *As vogais medias pretônicas em situação de contato dialetal*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa), UFRJ, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro: 2006. Tese. 159p.

MARTINS, Mariana de Souza. *A palatalização de oclusivas dentais em contato dialetal*. Dissertação (Mestrado em Linguística), UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. 145p.

PAIVA, Maria da conceição A de. DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *Quarenta anos Depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira*. In: Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança/ Uriel Weinreich, William Labov, Marvin I. Herzog : Tradução Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco; posfácio Maria da Conceição A. de Paiva, Maria Eugênia Duarte. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro. *Análise do /s/ pós-vocálico no português brasileiro: coda ou onset com núcleo foneticamente vazio?*. Tese (Doutorado em Linguística), UFPB, 2009, 149p.

PESQUEIRA, Dinorah. *Sound change in dialect contact situation: Argentinean immigrants in Mexico City*. 2005.

SANKOFF, David, TRAGLIAMONT, Sali and SMITH, Eric. *Goldvarb X : a variable rule application for Macintosh and Windows*. Departamento de Linguística, Universidade de Toronto, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1975.

SCHNEIDER, Maria Nilse. *Atitudes e concepções linguísticas e sua relação com as práticas sociais de professores em comunidades bilíngües alemão-português do Rio*. Tese (Doutorado em Letras) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre, BR-RS, 2007. 261p.

SELKIRK, Elizabeth O. *The syllable*. In HULST, Harry van der; SMUTH, Norval. *The structure of phonological representations*. Dordrecht: Foris Publications, 1982

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.

TRUDGILL, P. *Dialects in contact*. Oxford: Blackwell, 1986

UFLACKER, Cristina Marques; SCHNEIDER, Maria Nilse. *Atitudes Linguísticas e Variedades Dialetais Alemãs*. Uniletras, Ponta Grossa, v. 30, n. 1, p. 33-51, jan./jun. 2008. Disponível em <http://www.uepg.br/uniletras>. Acesso em: 16/11/2012

APÊNDICE



APÊNDICE A

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
VALPB-VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA PARAÍBA
CAPES-COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL
SUPERIOR

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa intitulada “Acomodação Dialetal: análise da assimilação da fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica por paraibanos residentes em Recife” está sendo desenvolvida por Izete de Souza Lima, aluna do Curso de pós-graduação em linguística da Universidade Federal da Paraíba (PROLING), sob a orientação do(a) Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena.

A finalidade deste trabalho é contribuir para o conhecimento fonético e fonológico das diferenças entre paraibanos e pernambucanos, bem como a influência do contato dialetal através da assimilação de alguns traços fonéticos.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a).

O pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável Legal

Assinatura da Testemunha

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Izete de Souza Lima

Endereço (Setor de Trabalho): Sala do VALPB – Projeto de Variação
Linguística no CCHLA-UFPB.

Telefone: 3216-7280/3229-6336

Comitê de Ética HULW-JP

End: Universidade Federal Paraíba, s/n

João Pessoa - PB

CEP: 58051-900

Telefone: (83) 3216-7302 / 3216-7051

Atenciosamente

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do Pesquisador Participante

APÊNDICE B



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

VALPB-VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA PARAÍBA



CAPES-COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR

Ficha de Caracterização do Sujeito

1. Sexo: () F () M
2. Idade: _____.
3. Natural de qual cidade da
Paraíba:_____.
4. Tempo em que reside em Recife:
_____.
5. Naturalidade dos
País:_____.
6. Costuma visitar a Paraíba? () sim () Não
7. Se a resposta 6 for sim, diga:
Qual a frequência ? _____.
Quanto tempo costuma ficar? _____.
8. Reside em Recife com recifenses? Se sim marque:
() filhos () companheiro(a) () amigos () parentes
() outros
9. Se têm filhos nascidos em Recife:
Quantos?_____.

Qual idade?_____.

10. Convive com recifenses em qual âmbito?

() escola () trabalho () vizinhança () outros: _____.

11. Seu nível de escolaridades: _____.

12. Profissão: _____.

APÊNDICE C



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
VALPB-VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA PARAÍBA
CAPES-COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL
SUPERIOR

Texto 1

João, que era cheio de respeito e um pouco atrapalhado, pegou sua espada brilhante com muita bravura e saiu com o seu discurso heróico para a luta. Se não fosse islâmico poderia ser confundido com o Zorro, o herói de máscara que defende e ajuda aos pobres com ofertas pouco generosas. Devido sua falta de atenção, num deslize, assim como um fósforo, tombou e soltou faísca no asfalto com sua arma de aço. Mesmo com todo o disfarce e obstinação, não conseguiu livrar-se da fama de asno herdada do bisavô, que mesmo vesgo enchia o seu coração de alegria. Depois de tantas lutas o que lhe restara para contar, um esboço de herói atrapalhado e mal vestido, mascote de um rei falido que com asma viveria até o fim.

Texto 2

O cisne branco é muito ágil na hora de pescar. Sua isca era obtida com muita obstinação, pois a vespa não é um ser vivo muito fácil de ser capturado. Apesar de o lago estar muito sujo com resto de cuscuz, e mais assemelhar-se a um esgoto que exalava um odor insuportável, com toda a sua agilidade ficou fácil o cumprimento da sua tarefa. A ave conseguiu capturar facilmente a pesca estranha de casca dura. Diante dessa proeza magnânima, o israelita com caspa falando asneira consegue parar e vislumbrar-se com essa ação cautelosamente executada pelo belo pássaro.

APÊNDICE D



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
VALPB-VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA PARAÍBA
CAPES-COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL
SUPERIOR

Entrevista Sociolinguística e Percepção do informante

1. Qual motivo de sua migração para Recife?
2. Fale um pouco da vida aqui, das diferenças entre os estados, apesar da proximidade.
3. As pessoas dizem que seus melhores anos foram vividos na infância, como foi a sua?
4. Falando sobre a sua família, você tem irmãos?
5. Conte com era o seu relacionamento com eles na infância?
6. E agora, vocês são próximos? Fale um pouco sobre o seu relacionamento com seus irmãos na atualidade.
7. Muitas pessoas acham que os anos escolares foram os melhores da sua vida. O que você acha? Fale sobre seus anos escolares?
8. Qual a matéria que você mais gostava?
9. Todo mundo tem um professor que marcou na sua vida escolar, fale um pouco sobre o professor ou professora que marcou sua vida escolar.
10. Você se lembra dos seus amigos de infância? Fale um pouco sobre eles?
11. Algumas pessoas dizem que determinadas amizades são para a vida toda, você se lembra de algum amigo que você tenha para com ele esse sentimento?
12. Qual a importância da amizade para você?

13. Durante a infância passamos por várias situações de risco, você já passou por algum perigo de tipo?
14. Existem momentos na nossa vida que guardamos para a vida toda, conte algum que marcou na sua vida adulta?
15. Os sonhos impulsionam as nossas vidas, sonhamos, lutamos e realizamos. Fale um sonho que você possui e luta para realizá-lo?
16. Qual a sua profissão? Fale um pouco sobre ela.
17. Você acha que os recifenses falam muito diferentes? O que você acha da forma como eles falam?
18. Você percebe alguma diferença entre o falar paraibano e o recifense?
19. Você já sofreu algum preconceito em Recife?
17. Algo lhe incomoda no falar dos recifenses? O quê? Por quê?
18. O que você pensa do falar da Paraíba?
19. Você acha que o falar paraibano sofre discriminação no âmbito nacional? E o falar recifense?
20. O que você acha do preconceito linguístico que existe entre os estados brasileiros?
21. Você acha que a sua fala é a mesma de antes de vir para Recife? Por quê?
22. O que você acha que contribuiu para a mudança no seu falar?
23. Quais os fatores que influenciam na mudança do falar das pessoas que saem de um estado para outro?